

Maria Manuela Fontes Inácio

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ensino de Português Língua Segunda / Língua Estrangeira realizada sob a orientação científica de Maria do Rosário Pimentel

*“Mal fora iniciada a secreta viagem,
Um deus me segredou que eu não iria só.”*

(...)

David Mourão – Ferreira

(Uma forma de dizer obrigada a todos os que me acompanharam nesta viagem)

*“Cumpridos os deveres compridos deixaram
De assediar minhas horas*

Doce a liberdade retoma em si minha leveza antiga”

Sophia de Mello Breyner Andresen

RESUMO

Este trabalho propõe-se confrontar a obra do escritor brasileiro Graciliano Ramos, *Vidas Secas*, com *Os Flagelados do Vento Leste*, do escritor cabo-verdiano Manuel Lopes, tentando encontrar nelas as idiosincrasias próprias dos espaços sociais e humanos em que se situam e que as fazem regionalistas, mas também as características que as configuram como universais, enquanto espelhos do Homem na sua essência, comum a todos os homens, combatendo contra as adversidades da seca, da fome e da exploração social numa luta pela sobrevivência que os torna eternos e intemporais.

[ABSTRACT]

This work aims to confront the novel of the Brazilian writer Graciliano Ramos, *Vidas Secas*, with *Os Flagelados do Vento Leste* out of the capeverdian writer, Manuel Lopes, trying to find there own idiosyncrasies of human and social spaces where they are located and that are regional, but also the characteristics that shape them as universal as mirrors of man in essence, common to all men, fighting against the adversities of drought, hunger and social exploitation, struggling for survival, that makes them timeless and eternal .

PALAVRAS-CHAVE: Literatura, Cultura, Brasil, Cabo-Verde, Regionalismo, Universalismo, Graciliano Ramos, Manuel Lopes, *Vidas Secas*, *Os Flagelados do Vento Leste*

KEYWORDS: Literature, Culture, Brazil, Cape Verde, Regionalism, Universalism, Graciliano Ramos, Manuel Lopes, *Vidas Secas*, *Os Flagelados do Vento Leste*

INTRODUÇÃO.....	5
1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO – LITERÁRIA DE <i>OS FLAGELADOS DO VENTO LESTE</i> E <i>VIDAS SECAS</i> : PONTES ENTRE BRASIL E CABO-VERDE	8
2 <i>VIDAS SECAS</i>	12
2.1 Vida e obra de Graciliano Ramos.....	12
2.2 Retrato de uma sociedade rural	14
2.3 Religião, sacralidade e mistérios	19
2.4 Homem / Natureza/ Destino – a ordem natural	21
2.5 A ordem social	27
2.6 Deficit de linguagem/ deficit ontológico	31
2.7 O absurdo – Sísifo vs. Fabiano	37
3 <i>OS FLAGELADOS DO VENTO LESTE</i>	40
3.1 Notas sobre a vida e obra de Manuel Lopes	40
3.2 Contextualização histórico-geográfica de Santo Antão - Cabo Verde.....	42
3.3 Retrato de uma sociedade rural	44
3.4 Religião / Sacralidade/Mistérios.....	51
3.5 Homem/ Natureza/ Destino	53
3.6 Linguagem	59
4 PARALELO ENTRE AS OBRAS.....	65
CONCLUSÃO	71
BIBLIOGRAFIA ACTIVA	74
BIBLIOGRAFIA PASSIVA.....	74
ANEXOS.....	77
ANEXO 1.....	77
ANEXO 2.....	81
ANEXO 3.....	83

INTRODUÇÃO

Entendendo o fenómeno literário não apenas como experiência estética, mas também como conhecimento do Mundo e do Homem, propomo-nos no presente trabalho comparar duas obras que representam espaços diferentes, mas com características semelhantes e analisar o efeito desse espaço no carácter do homem que o povoa, procurando demonstrar que, embora regionalistas, as referidas obras têm um cunho universalista porquanto nos apresentam o carácter do Homem face à adversidade.

Ao reconhecermos na obra literária um veículo privilegiado de cultura, na sua capacidade linguística e simbólica de verbalizar a experiência e o pensamento humanos, convocamos diferentes perspectivas (literária, cultural, antropológica, psicológica, filosófica) e partimos para o estudo de dois mundos próximos e distantes tentando encontrar neles as idiossincrasias do homem cabo-verdiano e sertanejo, naquilo que estes valorizam face aos condicionalismos da Natureza, a forma como lhes respondem, no conformismo ou na revolta, mas também a universalidade do Homem enquanto espelho da terra, imitando Sísifo na luta pela sobrevivência e dignidade, numa perseverança tenaz e, aparentemente, inútil.

Na procura da sociedade e da cultura que se revelam em *Vidas Secas* e *Os Flagelados do Vento Leste*, entende-se, aqui, cultura como o que é valorizado pelo homem, isto é, aquilo que se distancia da Natureza porque lhe é conferido um valor. Seguimos de perto António José Saraiva, que nos diz:

“ Cultura opõe-se a natura ou natureza, isto é, abrange todos aqueles objectos ou operações que a natureza não produz e que lhe são acrescentados pelo espírito (fala, religião, arte, desporto, luxo, ciência) ”.¹

No presente trabalho, o conceito é entendido não na linha subjectiva-activa, identificada por Manuel Antunes, enquanto “formação do homem como grego (grego: Paideia; alemão: Bildung), a educação das suas faculdades: corporais, intelectuais, morais e religiosas”², nem como tradição, mas antes no seu significado etnológico - etnográfico que distingue o ser humano, uma vez que “ todo o homem,

¹ANTÓNIO JOSÉ SARAIVA, *O que é a cultura*, 1ª edição, Lisboa, Gradiva, 2003, p.11

² PADRE MANUEL ANTUNES, SJ, *Obra completa do Padre Manuel Antunes*, SJ, Tomo I, Vol. IV-História da Cultura, Fundação Calouste Gulbenkian, 2007, p.87

pelo facto de o ser, é um ser de cultura. [...] Um povo, por mais «primitivo» que se possa supor, tem os seus usos e costumes, a sua religião, a sua concepção do mundo e da existência, a sua técnica.”³

Cultura é, assim, um acto vivencial, uma existência gerida de acordo com uma hierarquia de valores, consubstanciada nas normas éticas, sociais e religiosas de um povo. Esta orientação de leitura parece-nos, também, concordar com a própria visão dos autores; Manuel Lopes assim se pronuncia no prefácio de *Os Flagelados do Vento Leste*:

“ A diversidade de aspectos na psicologia e, mesmo, nos caracteres somáticos do homem caboverdiano não sofreu só com o fenómeno de adaptação ao seu meio ambiente, mas sofre, ainda, com as contingências pluviais, as estiagens periódicas, as fomes devastadoras que assolam o arquipélago e determinam fundas repercussões na maneira de ser, e conseqüente comportamento dos seus habitantes, e provocam anomalias e desvios que os períodos de normalidade agrícola nem sempre dispõem de espaço de tempo suficiente para corrigir”.

E Graciliano Ramos, nas suas cartas, esclarece:

“ O que me interessa é o homem, e homem daquela região aspérrima. Julgo que é a primeira vez que esse sertanejo aparece em literatura. Os romancistas do Nordeste têm pintado geralmente o homem do brejo. É o sertanejo que aparece na obra de José Américo e José Lins. Procurei auscultar a alma do ser rude e quase primitivo que mora na zona mais recuada do sertão, observar a reação desse espírito bronco ante o mundo exterior, isto é, a hostilidade do meio físico e da injustiça humana. Por pouco que o selvagem pense – e os meus personagens são quase selvagens – o que ele pensa merece anotação. Foi essa pesquisa psicológica que procurei fazer; pesquisa que os escritores regionalistas não fazem nem mesmo querem fazer porque comumente não conhecem o sertão, não são familiares do ambiente que descrevem”.

Afigura-se-nos, pois, pertinente o estudo da acção e valores humanos em *Vidas Secas* e *Os Flagelados do Vento Leste*, obras em que, face ao poder da Natureza (e dos proprietários) o Homem, “bicho pequeno” tenta lutar, adaptar-se, moldando a sua forma de estar e de pensar. Nesta perspectiva, a análise das obras para além de um enquadramento na história literária dos respectivos países e da contextualização histórico-geográfica dos espaços, propõe-se enquadrar o ambiente físico e social em que a acção decorre, e o seu reflexo no carácter, nas crenças e mistérios do homem que nele vive, procurando, como dissemos, o particular e o universal.

A questão das influências da literatura regionalista brasileira dos anos 30 na literatura caboverdiana foi já por diversos autores colocada, contudo, são poucos os estudos comparativistas entre as duas literaturas; *Vidas Secas* tem sido estudada sobretudo por universitários brasileiros e *Os Flagelados do*

³ *Idem*, p.89

Vento Leste foi objecto de vários ensaios, de que se destacam duas teses de mestrado nos anos noventa (António Cândido Franco e Marie-Christine Hanras).

Parece-nos interessante recuperar e estudar estes dois escritores que moldaram a língua que nos une e nos forma, enquadrando-os no regionalismo realista que passou de moda, mas que nos legou documentos humanos universais da luta pela dignidade, consubstanciados em obras de arte que ultrapassam circunstâncias de tempo e de espaço.

O texto estruturar-se-á em quatro capítulos. Para o desenvolvimento do tema escolhido, considerou-se que a exposição deveria partir de uma breve contextualização da obra dos dois ficcionistas nos seus países de origem (capítulo 1); segue-se uma análise de *Vidas Secas* de Graciliano Ramos que se inicia com uma breve resenha biobibliográfica do autor, partindo para a caracterização dos comportamentos sociais e linguísticos, crenças e valores das personagens que surgem como respostas ao contexto social e natural (capítulo 2); a obra *Os Flagelados do Vento Leste* será submetida ao mesmo procedimento de análise sócio-cultural (capítulo 3) a que se segue uma comparação entre as duas obras na perspectiva que a nossa hipótese nos orienta – o regionalismo universalista (capítulo 4); por último serão registadas as conclusões, seguindo-se a bibliografia e anexos que incluem glossários.

Serão utilizadas as abreviaturas VS para *Vidas Secas* e FVL para *Os Flagelados do Vento Leste*. Todos os exemplos e referências utilizadas para análise, com a respectiva indicação da página, são transcritos da edição da Editorial Caminho, Lisboa, 1991 (VS) e da Editora Ulisseia, Lisboa, 1960 (FVL).

1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO – LITERÁRIA DE OS FLAGELADOS DE VENTO LESTE E VIDAS SECAS: PONTES ENTRE BRASIL E CABO-VERDE

Tal como a ironia não é eficaz quando os dois sentidos (o verdadeiro e o dito) são diametralmente opostos, porque demasiado directa e sem a subtilidade que lhe é própria, também não nos pareceria profícua uma comparação entre duas obras demasiado distantes; é nas pontes e abismos, semelhanças e diferenças que podemos trabalhar a comparação. Propomo-nos neste capítulo enquadrar ambas as obras do ponto de vista da história literária, para melhor justificar o seu cotejo.

O romance *Vidas Secas* (VS) enquadra-se no 2º ciclo do modernismo brasileiro delimitado pelos anos 30. Considera-se a Semana de Arte Moderna, realizada em S. Paulo, em 1922, como ponto de partida deste movimento literário no Brasil. A Primeira Fase⁴ (1922 – 1930) foi caracterizada pela tentativa de definir e marcar posições, sendo rica em correntes, manifestos e revistas de circulação efémera. Buscando o moderno, o original e o polémico, os artistas propunham-se redescobrir a autenticidade primitiva do Brasil, adquirindo o nacionalismo múltiplas facetas, quer de denúncia da realidade, quer de panegírico. Devido à necessidade de definições e de rompimento com todas as estruturas do passado, foi a fase mais radical, assumindo um carácter anárquico e destruidor, cheia de irreverência e escândalo, caracterizando-se, sobretudo, pela liberdade de estilo e aproximação à linguagem falada. Esta fase constituiu uma etapa fundamental de reflexão sobre o passado e de individuação das idiossincrasias da “brasilidade”, isto é, aquele conjunto de atributos e peculiaridades psicológicas e etnoculturais que distinguem a sociedade brasileira.

Os modernistas da 1ª fase irradiaram para um conjunto de grupos e correntes contrapostas (“Festa”, “Verde-amarelo”, “Antropofagia”, “Anta”, “Regionalismo do Nordeste”), de cunho e perspectivação diferentes, mas sempre com o lema de retomar as fontes da história nacional, o retorno às origens, a realidade interna, o nacionalismo.

A partir de 1930, a situação de crise do país solicitará um comprometimento maior dos escritores com a realidade. Após a chamada fase heróica⁵, surge um novo período - é o momento da

⁴ Neste enquadramento seguimos ALFREDO BOSI, *História Concisa da Literatura Brasileira*, São Paulo, Cultrix, 1994 e SÍLVIO CASTRO, *História da literatura Brasileira*, vol.3, Lisboa, Publicações Alfa, 1999, capítulo 46.

⁵ Esta fase surge com outra designação em António Cândido que no ensaio “Literatura e subdesenvolvimento” in *A educação pela noite & outros ensaios* procura um elo entre as diferentes expressões literárias da América latina, distinguindo três fases na ficção de cunho regionalista: uma fase de “consciência amena de atraso” correspondendo ao período de descoberta, reconhecimento e incorporação da realidade do país, caracterizando-se pela idealização de regiões remotas, distantes dos centros urbanos e europeizados, como a região amazónica, os andes, o sertão brasileiro. Tanto elas como seus habitantes,

prosa, do romance social nordestino e do romance psicológico do Centro Sul, com escritores como José Lins do Rego (1901-1957), Jorge Amado (1912-2001), Graciliano Ramos (1892-1953), Rachel de Queiroz (1910), Cornélio Pena (1896-1958), Lúcio Cardoso (1913-1968), Érico Veríssimo (1905-1975) e Ciro dos Anjos (1906-1994).

A partir de meados dos anos 20, o interesse dos modernistas deslocou-se para a realidade nacional; sem renegar os postulados do modernismo, os seus protagonistas recusam a gratuitidade do facto estético em prol de uma função social mais acentuada. As propostas do movimento difundem-se por todo o país, descentralizando a produção cultural. Escritores e artistas descobrem, fascinados, a província marginalizada e a zona rural, a imensa selva amazónica, o grande sertão do planalto central e a região do nordeste, desoladamente ligada ao ciclo das secas.

Oswald de Andrade publica o “Manifesto Pau-brasil”, no qual afirma: “O trabalho da geração futurista foi ciclópico. Acertar o relógio império da literatura nacional. Realizada essa etapa, o problema é outro. Ser regional e puro em sua época”⁶.

Estendendo-se de 1930 a 1945, a segunda fase do movimento modernista caracteriza-se por um maior compromisso social, por uma ampliação do universo temático, por uma preocupação dos artistas com o destino do Homem e o seu lugar na sociedade. Atendo-nos à prosa, podemos afirmar que esta alargou a sua área de interesse ao incluir preocupações novas de ordem política, social, económica e humana. O autor encontrou o seu povo, havendo uma busca do homem brasileiro em diversas regiões. *A Bagaceira*, de José Américo de Almeida, foi o primeiro romance nordestino; o trilha do regionalismo não é agora cultivado de forma romântica e idealizada como no romantismo de José de Alencar, trata-se de um regionalismo crítico, solidário, comprometido com a terra e as suas gentes. Os escritores desta segunda fase, já citados, criaram um estilo novo, liberto da linguagem tradicional, incorporando o regionalismo não só nos temas, como na linguagem e na consciência crítica: a desigualdade social, a vida

considerados representativos de uma especificidade natural e cultural própria das diversas nações americanas são observados segundo uma óptica amena e curiosa, compondo uma imagem pitoresca e decorativa, enfatizando uma riqueza potencial, um futuro grandioso. Segundo Cândido, essa forma de compreensão e representação literária e cultural começa a mudar a partir dos anos 30 deste século, à medida que a ideologia do país novo começa a dar lugar à de país subdesenvolvido, num processo de consciencialização e conseqüente desmistificação, substituindo-se então por uma visão problemática quanto ao presente e pessimista quanto ao futuro, baseada na evidência da miséria, da persistência das relações imperialistas de dominação e da conseqüente paralisia das forças produtivas – a fase de “consciência catastrófica”. *Vidas secas* integrar-se-ia no período de pré consciência deste atraso (1930-1940) o romance social que ficou conhecido como “o romance regionalista de 30” superando a fase romântica. Segue-se-lhe o super-regionalismo ou regionalismo maravilhoso de Losa, Rulfo e Guimarães Rosa.

⁶Citado por VERA LÚCIA OLIVEIRA, *Poesia, mito e história no modernismo brasileiro*, S. Paulo, Editora UNESP; Blumenau, SC: EDIFURB, 2001, p. 68

cruel dos retirantes fugindo à seca, os resquícios de escravidão, o coronelismo, apoiado na posse das terras – os problemas sociopolíticos sobrepor-se-iam ao lado pitoresco das várias regiões retratadas, revelando uma atitude interessada diante da vida contemporânea.

Após um primeiro embate com as forças tradicionalistas, em que prevaleceu a linha eclética e internacionalista do modernismo, abrindo-se a todas as vanguardas, cedo se ganha consciência da perpetuação do hábito de importar modas literárias e correntes de pensamento, numa atitude de assimilação de modelos culturais e estéticos estrangeiros, e amadurece o desejo de reencontrar o Brasil, levando muitos escritores a rever, de forma ainda mais crítica, o presente e o passado e a denunciar a alienação.

No editorial de *A Revista*, publicada em Belo Horizonte em 1925, Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) afirmará:

“Será preciso dizer que temos um ideal? Ele se apoia no mais franco e decidido nacionalismo. A confissão desse nacionalismo constitui o maior orgulho da nossa geração, que não pratica a xenofobia nem o chauvinismo, e que, longe de repudiar as correntes civilizadoras da Europa, intenta submeter o Brasil cada vez mais ao seu influxo, sem quebra da nossa originalidade nacional”⁷.

Relativamente à literatura cabo-verdiana, o regionalismo esteve presente desde a época dos pré-claridosos, contudo “os heróis e poetas por eles reverenciados eram os portugueses, o que demonstrava ser a cultura europeia ainda o ideal deles”⁸. Mas é o programa literário da revista *Claridade* que preconiza “fincar os pés na terra”, descobrindo-a, enaltecendo as suas belezas e dramas. O crescente interesse pela especificidade da cultura e sociedade cabo-verdianas, aliado à influência da literatura modernista brasileira de carácter regionalista e neo-realista, confluem no nascimento desta importante revista literária em Março de 1936, tendo sido Manuel Lopes o seu primeiro director. Na formação deste órgão do modernismo cabo-verdiano estiveram também presentes: João Lopes, Manuel Velosa, Jaime Figueiredo (que mais tarde se afastou por discordar da orientação eminentemente local), Jorge Barbosa e Baltasar

⁷ *Idem*, p. 66

⁸ CARMEN LÚCIA TINDÓ RIBEIRO MAR SECCO, “Memória e metapoesia na lírica caboverdiana” in *Antologia do mar na poesia africana de língua portuguesa do século XX: Cabo Verde*, coord. Carmen Lúcia Tindó Ribeiro Secco, Rio de Janeiro, UFRJ, 1999, p.13

Lopes da Silva. Entre os claridosos prevalecem temas autóctones: a língua crioula, a música cabo-verdiana, o mar e a emigração, o homem e as paisagens cabo-verdianas.

Na realidade, a revista *Presença* exerceu influência formal e alertou os escritores ilhéus para a abertura aos temas e problemas sociais, mas foi o modernismo brasileiro que impulsionou a busca de sentidos na própria realidade das ilhas cabo-verdianas, afastando-se da representação literária colonial.

É notória a influência do modernismo brasileiro na literatura de Cabo Verde, mais precisamente na geração da revista *Claridade* (1936-1960). Os claridosos, assim conhecidos, visualizavam no exemplo dos modernistas brasileiros uma vertente para pensar o arquipélago, distanciando-se da metrópole portuguesa; surge nos intelectuais desse período um olhar aprofundado sobre os problemas sociais do país, ou como afirma Manuel Ferreira: “Os modernos textos brasileiros andaram de mão em mão no momento em que os jovens intelectuais cabo-verdianos descobriam a urgência de rigorosa objectividade socio-literária”⁹.

O mesmo autor dá-nos conta de um depoimento de Baltasar Lopes sobre a recepção dos textos dos modernistas brasileiros:

“Há pouco mais de vinte anos eu e um grupo de reduzidos amigos começámos a pensar no nosso problema, isto é, no problema de Cabo Verde. Precisávamos de certezas sistemáticas que só nos podiam vir, como auxílio metodológico e como investigação, de outras latitudes. Ora aconteceu que por aquelas alturas nos caíram nas mãos fraternalmente juntas, em sistema de empréstimo, alguns livros que consideramos essenciais *pro doma nostra*. Na ficção o José Lins do Rego d’*O menino de Engenho* e do *Bangüê*, o Jorge Amado do *Jubiabá* e *Mar Morto*; o Amândio Fontes d’*Os Corumbas*; o Marques Rabelo d’*O caso da Mentira*, que conhecemos por Ribeiro Couto. Em poesia foi um ‘alumbramento’ a “Evocação do Recife”, de Manuel Bandeira, que, salvo um ou outro pormenor, eu visualizava com as suas figuras dramáticas, na minha vila da Ribeira Brava”¹⁰.

Entre Cabo-Verde e o Brasil, as semelhanças eram muitas: o clima (escassez de chuva), o drama das gentes, a sua simplicidade, etnografia (miscigenação de portugueses e africanos) a língua, o sincretismo religioso, a música, o café, a aguardente (grogue/ cachaça), como magistralmente sintetizou o poeta Jorge Barbosa no poema “Você: Brasil” (vide anexo 3).

⁹ MANUEL FERREIRA, *A aventura crioula: ou Cabo Verde: uma síntese ética e cultural*, Lisboa, Ulisseia, 1967, p.183

¹⁰ *Idem*, p. 181

2 VIDAS SECAS

2.1 Vida e obra de Graciliano Ramos

Graciliano Ramos nasceu em Quebrângulo, no estado de Alagoas, a 27 de Outubro de 1892, primogénito dos quinze filhos de Sebastião Ramos de Oliveira e Maria Amélia Ferro Ramos. Vive parte da infância em Buíque, Pernambuco e Viçosa, onde, de parceria com um primo, dirige um pequeno jornal dedicado às crianças, *O Dificulto*, no qual publica o conto “Pequeno mendigo”. Posteriormente, coordena o jornal *Echo Viçosense*.

No ano de 1904 frequenta o Internato em Maceió, onde faz os estudos secundários. Em 1909, passa a colaborar com o *Jornal de Alagoas*, de Maceió, publicando o soneto "Céptico" sob o pseudónimo de Almeida Cunha. Até 1915 colabora com a revista carioca *O Malho*, usando outros pseudónimos: S. de Almeida Cunha, Soares de Almeida Cunha, Soeiro Lobato e Lambda, este usado em trabalhos de prosa. Em 1910 muda-se para Palmeira dos Índios, onde trabalha na loja do pai e passa a colaborar com o *Correio de Maceió*.

Em 1914 parte para o Rio de Janeiro onde, sem ter frequentado estudos superiores, começa a dedicar-se ao jornalismo como revisor do *Correio da Manhã* e *A Tarde*. Nessa fase assina as suas participações no *Jornal de Alagoas* e no fluminense *Paraíba do sul* com o pseudónimo de Ramos de Oliveira (R.O.). Porém, em 1915, ao saber da morte de três dos seus irmãos, vitimados pela febre bubónica, regressa a Palmeira dos Índios retomando a actividade jornalística local, ao mesmo tempo que trabalha no comércio agora como proprietário da loja “Sincera”. Ainda em 1915, contrai matrimónio com Maria Augusta de Barros, mas esta morre de parto cinco anos depois, deixando-lhe quatro filhos menores. Volta a casar-se em 1928 com Heloísa de Medeiros.

Continuando a sua colaboração em jornais, como cronista, inicia, em 1925, a obra *Caetés*. Devido à participação activa na vida política da cidade, é eleito Prefeito em 1927, mas a política acaba por se cruzar com a literatura, pois a verve dos seus ofícios e relatórios administrativos chamam a atenção do editor - poeta Augusto Frederico Schmidt, que o convida a publicar a obra supracitada (1933).

Renunciando ao cargo de Prefeito, transfere-se em 1930 para Maceió, sendo nomeado, então, Director da Imprensa Oficial do Estado de Alagoas, cargo que abandona em 1931, por motivos políticos. Retorna a Palmeira dos Índios onde funda uma escola e começa escrever *São Bernardo*. Mas em 1933 está de volta a Maceió, nomeado Director da Instrução Pública de Alagoas (cargo que corresponde hoje ao de Secretário de Estado da Educação). Data deste período (30 a 36) a sua amizade com os

escritores que formavam a vanguarda da literatura modernista: José Lins do Rego, Raquel Queiróz, Jorge Amado, Waldemar Cavalcanti. No ano de 1934 lança a obra *São Bernardo* e em 1936, *Angústia*, que é considerado o romance tecnicamente mais complexo de Graciliano Ramos, no qual o autor retrata a cidade de Maceió daquela época, sendo agraciado com o prêmio "Lima Barreto", atribuído pela *Revista Acadêmica*.

Num período em que o país estava sob a ditadura de Vargas e do poderoso coronel Filinto Müller, é perseguido pelas suas ideias políticas consideradas subversivas e demitido do cargo público, sofrendo prisão e processo em 1936 por ligação ao Partido Comunista, embora sem provas de acusação. *Memórias do Cárcere* será a obra - testemunho desta experiência de humilhação e sofrimento, tendo começado a ser escrita dez anos mais tarde.

Depois de ser libertado da prisão, onde permaneceu um ano, Graciliano passou a morar no Rio de Janeiro, exercitando intensa actividade jornalística e literária. Em Maio de 1937 a *Revista Acadêmica* dedica-lhe uma edição especial, com treze artigos e nesse mesmo ano recebe o prêmio "Literatura Infantil", do Ministério da Educação, com *A terra dos meninos pelados*.

Em 1938 publica o livro que se tornaria a sua obra-prima: *Vidas Secas*, o seu quarto e último romance e, no ano seguinte, assume o cargo de Inspector Federal do Ensino Secundário. Nesta época, frequenta assiduamente a sede da revista *Diretrizes*, com Álvaro Moreira, Joel Silveira, José Lins do Rego e outros "conhecidos comunistas e elementos de esquerda", conforme consta da sua ficha na polícia política. Publica uma série de crónicas sob o título "Quadros e Costumes do Nordeste" na revista *Política*, do Rio de Janeiro. Em 1942 ganha o prêmio "Filipe de Oliveira" pelo conjunto da sua obra, por ocasião da comemoração dos seus 50 anos. O romance *Brandão entre o mar e o amor*, escrito em parceria com Jorge Amado, José Lins do Rego, Aníbal Machado e Rachel de Queiroz é publicado pela Livraria Martins, S. Paulo, e em 1944 publica o livro de literatura infantil *Histórias de Alexandre*. Nesse mesmo ano, *Angústia* é publicado no Uruguai. Com a restauração democrática de 1945, adere oficialmente ao Partido Comunista Brasileiro, ano em que são lançados *Dois dedos* e o livro de memórias *Infância*. Seis anos depois é eleito presidente da Associação Brasileira de Escritores, sendo convidado em 1952 para uma viagem à URSS, da qual resulta o livro *Viagem*, publicado postumamente. A passagem dos seus sessenta anos é lembrada em sessão solene no salão nobre da Câmara Municipal do Rio de Janeiro, presidida por Peregrino Júnior, da Academia Brasileira de Letras. Sobre a sua obra e personalidade falaram Jorge Amado, Peregrino Júnior, Miécio Tati, Heraldo Bruno, José Lins do Rego e outros. Em seu nome, falou a filha, Clara Ramos.

Traduzido para diversas línguas, Graciliano Ramos morre aos sessenta e um anos de idade, no Rio de Janeiro a 20 de Março de 1953. Postumamente, são publicados os seguintes livros: *Memórias do Cárcere*, 1953; *Viagem*, 1954; *Linhas tortas*, *Viventes das Alagoas* e *Alexandre e outros heróis*, em 1962; *Cartas*, 1980, uma colectânea da sua correspondência.

A matéria-prima das suas obras sempre foi a sua experiência de vida e imperativos éticos impuseram a força do testemunho, por isso António Cândido pôde resumir toda a obra de Graciliano como de “Ficção e Confissão”. Não sendo um escritor panfletário, os seus romances levam-no à prisão; a sua atitude de denúncia não é directa, preferindo a subtilidade da compreensão humana: *Caetés* denuncia a vida fútil e mesquinha de Palmeira dos Índios, pequena cidade da província; *S. Bernardo*, o surgir violento de uma fazenda e a vida dramática de Honório; *Angústia*, a existência anónima de um funcionário do Estado; em *Vidas Secas*, o eterno flagelo que oprime o povo nordestino. Concluímos com Giovanni Ricciardi: em Graciliano, “como em todos os romancistas do grupo nordestino, literatura e vida formam um binómio indestrutível”¹¹.

2.2 Retrato de uma sociedade rural

O sertão, região interior do nordeste brasileiro, caracteriza-se por um clima semi-árido com temperaturas elevadas e chuvas irregulares e escassas que definem duas estações: uma seca e outra chuvosa, esta última concentrada em apenas três ou quatro meses do ano.

Retrato deste sertão nordestino, VS apresenta-nos uma sociedade caracterizada por uma grande dependência em relação à natureza, com uma **hierarquia social assente na propriedade** e uma extrema pobreza de recursos. A família alimenta-se de leguminosas: feijão, milho, raiz de imbu¹² e sementes de mucunã (cf. p. 18), a carne animal é escassa, sendo referida a carne seca e toucinho (cf. p. 52) e, muito raramente, uma ave ou carne de porco.

A principal actividade económica é a criação de gado, apontando-se o comércio na feira como actividade subsidiária. A produção agrícola é insignificante, não permitindo garantir a subsistência:

¹¹ GIOVANNI RICCIARDI, *O nordeste na obra de Graciliano Ramos*, Sep. da Revista “Ocidente” – vol. LXXVII, Lisboa, 1969, p.286

¹² Vide glossário (anexo1) para este e outros regionalismos.

“ [...] como não tinha roça e apenas se limitava a semear na vazante uns punhados de feijão e milho, comia da feira[...]” (p.81).

Curiosa nota histórica apresentasse-nos como pertinente neste trabalho que visa um paralelo entre obras cabo-verdiana e brasileira: em 1534, as primeiras cabeças de gado a chegarem à capitania de São Vicente, Brasil, foram oriundas de Cabo Verde, por iniciativa de Ana Pimentel de Souza, esposa do donatário vicentino, Martim Afonso de Souza, que governou a capitania por procuração do seu marido, entre 1534 e 1536. O donatário da capitania de Pernambuco, Duarte Coelho Pereira (1485-1554), quando tomou a posse da capitania, em 1535, levou na sua expedição quase uma centena de cabeças de gado de Cabo Verde. Tomé de Sousa (1503 - 1579) quando assumiu o cargo de governador-geral do Brasil, enviou ao rei de Portugal, D. João III, uma carta datada de 18 de Junho de 1551, solicitando o envio de gado para a colónia, sendo imediatamente atendido. Existem outras informações como a publicada em 1935 por Paulino Cavalcanti, de ter sido levado gado da Holanda para o Brasil entre 1530 e 1535. Por solicitação de Tomé de Souza, a caravela “Galga” foi autorizada a fazer várias viagens a Cabo Verde, e ao arquipélago dos Açores, transportando muitas cabeças de gado, que desembarcaram em Salvador, na época a capital do Brasil. Num primeiro momento, o gado foi criado no próprio engenho, sendo utilizado como força de tracção, transporte e alimento. Mas a exigência cada vez maior de terras para o cultivo da cana-de-açúcar e a invasão deste espaço pelos bovinos (criados em liberdade) estiveram na origem da imposição régia que determinava outros limites para a criação de gado. Os fazendeiros conduziram, então, os animais para longe, avançando para o interior nordestino, ao longo do rio de São Francisco. Deste modo, a actividade pecuária cumpriu um duplo papel: complementar a economia do açúcar e iniciar o desbravamento, conquista e povoamento do interior do Brasil, principalmente do sertão nordestino.

Desde o século XVII até meados do século XVIII, a pecuária ocupou diversas regiões do interior do nordeste, tendo como centros de irradiação as capitanias da Baía, onde o gado ocupou terras do "sertão de dentro" e de Pernambuco, ocupando as terras do "sertão de fora", sempre através dos rios que serviram como canais de integração entre o litoral, onde se concentrava a maioria da população da colónia, e as novas terras habitadas: as regiões do Ceará, Piauí e Maranhão, e as terras da Paraíba, e Rio Grande do Norte.

O vaqueiro surge, assim, como novo elemento da sociedade colonial: era um homem livre, não - proprietário de terras, que se encarregava da criação de gado, quase sempre pelo sistema de "partilha", recebendo certo número de reses, como pagamento pelo serviço prestado aos proprietários - em geral o acordo era feito na base de um quarto do número total de cabeças, após cinco anos de serviço.

Esta situação pouco se modificou em relação ao sertanejo do início do século XX, conforme apresentado em VS: Fabiano é vaqueiro, dedica-se à criação de gado, mas o contrato de trabalho está bem definido: tem apenas usufruto da casa e da fazenda, nada lhe pertence e recebe, na partilha, “a quarta parte dos bezerros e a terça parte dos cabritos” (p.81). A secura do clima e a pobreza dos solos limitam a produção agrícola, o que agrava a situação de exploração, uma vez que o vaqueiro tinha de vender os animais que lhe cabiam nas “sortes”, ao proprietário da fazenda, para comprar alimentos na feira e era enganado nessa transacção comercial, por isso “...não chegava a ferrar um bezerro ou assinar a orelha de um cabrito” (p.81). E o queixume prossegue:

“ Consumidos os legumes, roídas as espigas de milho, recorria à gaveta do amo, cedia por preço baixo o produto das sortes. (...) Pouco a pouco o ferro do proprietário queimava os bichos de Fabiano. E quando não tinha mais nada para vender, o sertanejo endividava-se. Ao chegar a partilha, estava encalacrado, e na hora das contas dava-lhe uma ninharia” (p.81).

O regime é, pois, duplamente injusto e explorador: na distribuição das cabeças de gado e na venda ao proprietário em que o vaqueiro é, mais uma vez, espoliado, pois é o amo que determina o preço de venda e as operações nunca coincidiam com as efectuadas por sinha Vitória, com o argumento da cobrança de juros das dívidas que entretanto contraía. Esta situação é sintetizada pelo próprio Fabiano ao lamentar-se:

“ Estava direito aquilo? Trabalhar como negro e nunca arranjar carta de alforria!” (p.82)

Este esquema de exploração e roubo está devidamente salvaguardado pelas regras da sociedade, como o comprova o facto de a única vez que o vaqueiro tentou vender a carne de um porco directamente na cidade, lhe ter sido exigido o pagamento de um imposto pelo cobrador da Prefeitura.

A ruralidade de VS revela-se também nos **espaços habitacionais, no mobiliário e objectos do quotidiano, no vestuário, como nos costumes ancestrais.**

Fabiano e a família viviam muito perto dos animais que lhes serviam de subsistência, “ o galo batia as asas, os bichos bodegavam no chiqueiro, os chocalhos das vacas tiniam” (p.31). Os espaços habitacionais incluem, pois, para além da casa baixa e escura, feita de pedras, de telhas pretas, o curral construído com seixos miúdos, e o chiqueiro das cabras (cf. p.19).

Na casa, com teias de aranha e cortinas de pucumã a cobrir o tecto, distingue-se uma camarinha escura onde o casal dorme numa cama de varas, a sala com uma esteira e um caritó, a cozinha onde, no Inverno, a família se reúne em torno do fogo, e as refeições são preparadas numa panela de losna que

chia na trempe de pedras. Refira-se, ainda, o jirau onde se fumam as carnes, o pilão que surge com a função de banco e a “ quenga preta de coco” (p.31) que serve para provar um caldo e para remexer as brasas, com o cabo. Como espaço exterior, distingue-se o copiar, pequeno alpendre, com um banco onde sinha Vitória cata lêndas aos filhos e fuma cachimbo.

Para iluminação, recorre-se a um candeeiro de folha pendurado na ponta de uma vara que sai da parede, alimentado a pedaços de facheiro ou querosene comprado na cidade, que a família poupava recolhendo-se cedo, e a achas de angico acesas entre as pedras. Daí o espanto dos meninos face à abundância de luzes na festa de Natal na cidade, pois, por oposição:

“ De luz havia, na fazenda, o fogo entre as pedras da cozinha e o candeeiro de querosene pendurado pela asa numa vara que saía da taipa” (p. 66).

Os poucos objectos que verdadeiramente lhes pertencem são aqueles que transportam fugindo à seca: um baú de folha, à cabeça de sinha Vitória, um aió ao tiracolo de Fabiano, “a cuia pendurada numa correia presa ao cinturão, a espingarda de pederneira no ombro”(p.9). Como sinha Vitória reafirma, “não possuíam nada. Se se retirassem, levariam a roupa, a espingarda, o baú de folha e troços miúdos” (p.40), entre os quais se contam o cabresto de cabelo, o facão, os látégos e chocalhos.

Característicos de uma sociedade pobre, próxima da terra, são os materiais primários a partir dos quais se confeccionam os objectos: o cabelo para o cabresto, o coco para a colher, fibras de caroá para o aió, a madeira para iluminação e lume, as plantas para o fabrico de panelas, a pedra e ponta de chifre para o binga, o fruto da cuieira para a cuia, o barro seco ao sol para os brinquedos dos meninos.

O hábito de fumar é comum ao homem e à mulher, mas o homem fuma cigarro e a mulher cachimbo, revelando ambos gestos ancestrais:

“ [Fabiano] pisou com firmeza no chão gretado, puxou a faca de ponta, esgaratou as unhas sujas. Tirou do aió um pedaço de fumo, picou-o, fez um cigarro com palha de milho, acendeu-o ao binga, pôs-se a fumar regalado” (p.18);

“ [Sinha Vitória] tirou do caritó o cachimbo e uma pele de fumo [...] esfarelou a pele de fumo entre as palmas das mãos grossas, encheu o cachimbo de barro [...] agachou-se, atçou o fogo, apanhou uma brasa com a colher, acendeu o cachimbo, pôs-se a chupar o canudo de taquari cheio de sarro” (p.37).

O vestuário surge, também, como elemento caracterizador da sociedade sertaneja; como sinha Vitória sintetiza: “ vestiam mal, as crianças andavam nuas” (p.36), ou usavam camisinhas de riscado, os

pés, o mais das vezes, descalços ou cobertos por alpercatas. Só para a festa da cidade se aperaltavam, mas pareciam ridículos, pois Fabiano poupou na fazenda e em consequência “as roupas tinham saído curtas, estreitas e cheias de emendas” (p.63); o vaqueiro “apertado na roupa de brim branco feito por sinha Terta, com chapéu de baeta, colarinho, gravata, botinas de vaqueta e elástico” (*idem, ibidem*); sinha Vitória “enfronhada no vestido vermelho de ramagens, equilibrava-se mal nos sapatos de salto enorme” (*idem, ibidem*); os meninos “estrevavam calça e paletó” (*idem, ibidem*).

Nas suas lides, Fabiano usa as características vestes de vaqueiro:

“Metido nos couros, de perneiras, gibão e guarda-peito, era a criatura mais importante do mundo. As rosetas das esporas dele tilintavam no pátio; as abas do chapéu, jogado para trás, preso debaixo do queixo pela correia, aumentavam-lhe o rosto queimado, faziam-lhe um círculo enorme em torno da cabeça” (p. 43).

Esta descrição, na perspectiva do filho mais novo, revela a sua grande admiração pelo pai e o desejo de crescer como ele, imitando-o no seu trabalho, sendo capaz de “matar cabras a mão de pilão, trazer uma faca de ponta à cintura” (p.48), símbolo de crescimento.¹³

A **divisão de tarefas** e a autoridade bem definida e não questionada constituem uma característica deste tipo de sociedade. À mulher cabe os arranjos da casa e a tarefa de ir buscar água:

“[...] regando os craveiros e as panelas de losna, descendo ao bebedouro com o pote vazio e regressando com o pote cheio[...]” (p.21);

“[...] àquela hora sinha Vitória devia estar na cozinha acocorada junto à trempe, a saia de ramagens entalada nas coxas, preparando a janta” (p. 24).

A educação dos filhos é, igualmente, incumbência sua, embora o marido assumia, por vezes, esse papel, usando como modelo os animais; de facto a contiguidade com o reino animal proporciona um modelo de obediência que é usado para educar os filhos; é necessário obedecer ao chamado, seguir a voz de comando:

“ – Ecô! Ecô!

Baleia voou de novo entre macambiras, inutilmente. As crianças divertiam-se, animaram-se, e o espírito de Fabiano se destoldou. Aquilo é que estava certo. Baleia não podia achar a novilha num banco de macambira, mas era conveniente que os meninos se acostumassem ao exercício fácil – bater palmas, expandir-se em gritaria, seguindo os movimentos do animal. A cachorra tornou a voltar, a língua pendurada, arquejando. Fabiano tomou a frente do grupo, satisfeito com a lição” (pp.20-21).

¹³ Cf. sub – capítulo 3.3. em que também se refere o uso de um cinto como símbolo de crescimento na obra *Os Flagelados de Vento Leste*

O homem intervém ainda para controlar o comportamento dos filhos, a mãe deixa-os soltos “como porcos. E eles estavam perguntadores, insuportáveis”(p. 21), por isso, “depois da comida, falaria com sinha Vitória a respeito da educação dos meninos” (p.24).

O homem é o principal provedor de alimento e subsistência para a família. A ele cabe cuidar dos animais, fazer os arranjos:

“Tinha vindo ao mundo para amansar brabo, curar feridas com rezas, consertar cercas de Inverno a Verão. Era sina. O pai vivera assim, o avô também. E para trás não existia família. Cortar mandacaru, ensebar látigos – aquilo estava no sangue”(p. 84).

O filho mais velho auxilia nos trabalhos levando as cabras ao bebedouro, com a ajuda de Baleia (p.45).

2.3 Religião, sacralidade e mistérios

Como é próprio de uma sociedade rural, isolada, as instituições não chegam ao povo do sertão, a Igreja surge associada ao espaço - cidade afastada não só pela distância, como pelos rituais.

A religião impõe uma tradição: a ida à missa com roupas de festa, no dia de Natal. O cumprimento deste dever acarreta desconforto, sofrimento, mas constitui uma autoridade perante a qual Fabiano não ousa qualquer desrespeito:

“ Como tinha religião, entrava na igreja uma vez por ano. E sempre vira, desde que se entendera, roupas de festa assim: calça e paletó engomados, botinas de elástico, chapéu de baeta, colarinho e gravata. Não se arriscaria a prejudicar a tradição, embora sofresse com ela. Supunha cumprir um dever, tentava aprumar-se. Mas a disposição esmorecia: o espinhaço vergava, naturalmente, os braços mexiam-se desengonçados.” (p.67).

Deus, distante e perfeito, está presente no mistério e na prece. As práticas supersticiosas coexistem com a oração e o rosário, num sincretismo que é próprio deste tipo de sociedades. O capítulo dedicado a Fabiano inicia-se com a cura da “bicheira da novilha raposa”; impossibilitado de fazer o “curativo ordinário” com creolina porque não encontra o animal, cura-o “no rasto”:

“Não o encontrou, mas supôs distinguir as pisadas dele na areia, baixou-se, cruzou dois gravetos no chão e rezou. Se o bicho não estivesse morto, voltaria para o curral, que a oração era forte.” (p.17).

Assim se desobriga, remetendo a responsabilidade para o Alto: “Felizmente a novilha estava curada com reza. Se morresse, não seria por culpa dele” (p.20).

Quando a cachorra Baleia adoecer, é de novo Fabiano que intervém amarrando-lhe no pescoço “um rosário de sabugos de milho queimados” (p.75). Mas também os homens são curados com rezas e exorcismos: “[...] sinha Terta, que na véspera, depois de curar com reza a espinhela de Fabiano, soltara uma palavra esquisita, chiando, o canudo do cachimbo preso nas gengivas banguela.” (p.51).

Na adversidade, procura-se a redenção pela fé através de práticas rituais cujos significantes estão já automatizados:

“ A vida na fazenda tornara-se difícil. Sinha Vitória benzia-se tremendo, manejava o rosário, mexia os beijos rezando rezas desesperadas” (p.101);

“ Sinha Vitória procurou com a vista o rosário de contas brancas e azuis arrumado entre os peitos [...] remexeu os beijos numa oração. Deus Nosso Senhor protegeria os inocentes” (p.103).

Para afastar a recordação da seca e o medo do seu regresso, sinha Vitória reza baixinho uma ave-maria que a tranquiliza, mas é no capítulo “ Menino mais velho” que melhor se define aquilo a que podemos chamar uma religiosidade natural, uma cosmovisão onde “ todos os lugares conhecidos eram bons” (p. 51); não só os habitados por homens e animais “o chiqueiro das cabras, o curral, o Barreiro, o pátio, o bebedouro – mundo onde existiam seres reais, a família do vaqueiro e os bichos da fazenda” (*idem, ibidem*), como os habitados por “ uma população de pedras vivas e plantas que procediam como gente” (*idem, ibidem*). Em tempos de bonança (leia-se, nos períodos em que não há seca), reina a harmonia entre o mundo dos homens, animais e natureza; as fronteiras entre eles diluem-se para mutuamente se protegerem “habitantes dos dois lados [mundo animal e mundo natural] entendiam-se perfeitamente e auxiliavam-se” (*idem, ibidem*) e as “forças malélicas”¹⁴ são derrotadas por uma “entidade protectora”:

“Existiam sem dúvida em toda a parte forças malélicas, mas essas forças eram sempre vencidas. E quando Fabiano amansava brabo, evidentemente uma entidade protectora segurava-o na sela, indicava-lhe os caminhos menos perigosos, livrava-o dos espinhos e dos galhos” (p.51).

Como homem religioso, no sentido dado por Eliade¹⁵, para Fabiano (e a família) a realidade comporta uma dimensão metafísica. Neste contexto, o pensamento mítico associa à palavra um poder

¹⁴ A religiosidade de Fabiano está próxima do conceito de “homem religioso” definido por Mircea Eliade, em *O sagrado e o profano - a essência das religiões*, aquele para quem « a Natureza nunca é exclusivamente “natural”: está sempre carregada de um valor religioso» (p.95); o mundo natural não é matéria muda, cabe ao homem ser capaz de ler aquilo que lhe revela.

¹⁵ Cf. nota anterior

mágico: o de conceder, pelo processo de nomeação, o ser das coisas; a palavra confere existência, forja o mundo, “livres de nomes, as coisas ficavam distantes, misteriosas”(p.72), por isso possuir a palavra é, simbolicamente, possuir o mundo. Neste sentido, as orações e rezas realizam a cura e invocam a proteção celeste. Pela mesma razão, se evitam pensamentos negativos, potenciais actualizadores da desgraça: “Diligenciou afastar a recordação temendo que ela virasse realidade” (p. 37), ou “[...] imaginou que ela [a viagem] não se realizaria se ele não a provocasse com ideias ruins” (p. 95) repetindo-se que nada aconteceu, de forma a apagar a dor, como se o dizer que não aconteceu apagasse o acontecido (cf. pp. 53-54). Este processo de transfiguração do real através da palavra surge, de novo, no final da obra, quando sinha Vitória sente necessidade de mentir a si mesma afirmando que “a queadura medonha, as árvores transformadas em garranchos, a imobilidade e o silêncio não valiam nada” (p. 104). Negando o cenário estéril do sertão, sinha Vitória instaura uma outra ordem do real, refazendo-o. O uso de formas verbais no condicional (que apontamos no sub - capítulo 2.5 - A ordem social) constitui também uma forma de reverter a ordem das coisas através da palavra.

2.4 Homem / Natureza/ Destino – a ordem natural

As condições climáticas do Nordeste brasileiro condicionam o homem sertanejo, configurando uma injustiça gratuita a que se submete, mas contra a qual, ao mesmo tempo, luta, pela fuga. Fabiano, homem do sertão, vive na inteira dependência da terra e das chuvas. Se há água, há verdura, comida, gado, se a água falta e a seca se prolonga, a natureza e o gado desfalecem e chega a fome e a miséria. Desta forma se condiciona também o seu estado de espírito: na seca, o desespero e a revolta, na chuva, sente-se seguro, capaz de grandes feitos, abrigado por uma natureza protectora. Esta íntima conexão entre os retirantes e a seca estabelece-se desde logo no título da obra: a vida destes seres é seca como os “galhos pelados da catinga rala” (p. 9), “o rio seco” (p. 9), a planície avermelhada” (p.9), “as plantas mortas” (p.12),” o bosque de catingueiras murchas” (p.12). A família vive em função da seca: fixam-se numa fazenda abandonada quando a terra renasce, mas prontos a partir logo que no céu apareçam sinais de um novo período de seca. A vida deixa de ser possível, o único caminho é a fuga, forma de resistir e sobreviver.

A vida do nordestino é condicionada pelo ciclo da seca e a ele se resigna, seu destino fatal, e até durante o breve período das chuvas, a recordação da seca persegue a família de Fabiano, como a todo o nordestino:

“ Dentro em pouco o despotismo da água ia acabar, mas Fabiano não pensava no futuro. Por enquanto a inundação crescia, matava bichos, ocupava grotas e várzeas. Tudo muito bem. E Fabiano esfregava as mãos. Não havia o perigo da seca imediata, que aterrorizava a família durante meses. A catinga amarelecera, avermelhara-se, o gado principiara a emagrecer e horríveis visões de pesadelo tinham agitado o sono das pessoas” (pp.56-57).

Implícita a noção de repetição, tanto no passado como no futuro; o tempo no sertão é circular, os tormentos repetem-se num eterno retorno.¹⁶ Esta forma cíclica dita também a forma do próprio romance. Conforme diferentes críticos fizeram notar, a estrutura do romance não é aleatória, antes “adota a forma cíclica da seca e das chuvas torrenciais que é característica da região retratada em *Vidas secas*”¹⁷. Com efeito, estabelece-se uma rigorosa simetria entre os treze capítulos da obra, com a época das chuvas - ponto de equilíbrio - ao centro (capítulo 7) e uma correspondência quase literal entre o primeiro capítulo “ Mudanças” e o último “ Fuga”¹⁸ para melhor traduzir o ciclo da seca – ponto de partida e fecho da obra. No primeiro, a família foge da seca, no segundo prepara-se para partir devido à seca, pois após o breve período verde das chuvas, adivinha-se, de novo, o flagelo por sinais familiares como o azul terrível do céu e a passagem das arribações. Conclui-se um ciclo e começa outro: “ Ninguém chora, ninguém grita, é a vida do nordestino”¹⁹.

O determinismo conduz à aceitação passiva da sorte, tida como necessária e natural, o ciclo da seca é naturalmente aceite, numa atitude de desistência, de fatalismo atávico.

“ Olhou a catinga amarela, que o poente avermelhava. Se a seca chegasse, não ficaria planta verde. Arrepiou-se. Chegaria naturalmente. Sempre tinha sido assim, desde que ele se entendera. E antes de se entender, antes de nascer, sucedera o mesmo – anos bons misturados com anos ruins. A desgraça estava em caminho, talvez andasse perto. Nem valia a pena trabalhar. Ele marchando para casa, trepando a ladeira, espalhando seixos com as alpercatas – ela se avizinando a galope, com vontade de matá-lo.” (p.27).

¹⁶ Cf. R.A. LAWTON, “ *Vidas Secas*: entre l'être et les choses” in Publications du Centre de Recherches Latino-Americaines de l'Université de Poitiers, *Graciliano Ramos, Vidas Secas: Seminaires de février et juin*, 1972, p. 76 ” ...é a recordação, a repetição na memória que constitui a intriga de *Vidas Secas*. Mais do que catástrofe presente, a seca é a recordação de uma catástrofe, repetidamente evocada.” (tradução nossa)

¹⁷ FREDERICK G. WILLIAMS (1973) apud JOSÉ MAURÍCIO GOMES DE ALMEIDA, *A tradição regionalista no romance brasileiro*, Rio de Janeiro, Achiamé, 1981, p. 248

¹⁸ Notemos a evolução semântica: *mudança* prevê um objectivo definido e representa uma esperança, *fuga* prevê um objectivo indefinido e imprevisível.

¹⁹ GIOVANNI RICCIARDI, *O nordeste na obra de Graciliano Ramos*, Lisboa, Sep. Da Revista *Ocidente* – vol. LXXVII, 1969,p.280

A natureza não é paisagem, é ela própria agente, inimiga e ameaçadora e, enquanto sujeito, como bem nota Lawton, “as suas acções traduzem-se em verbos, muitas vezes transitivos”²⁰: “os juazeiros *alargavam*” (p.9); “a catinga *estendia-se*” (p.9); “*entrava* dia e *saía* noite” (p. 13); “a serra *misturava-se* com o céu” (p. 53) “os mandacarus e os alastrados *vestiam* a campina” (p.103).

A natureza é o verdadeiro agente da acção a que se sujeita o homem. A seca é uma arma da natureza contra os homens porque “ o sol chupava os poços, e aqueles excomungados [pássaros] levavam o resto da água, queriam matar o gado” (p.93); se há inundações é porque “ a água [...] estava com vontade de chegar aos juazeiros do fim do pátio” (p. 57).

Na luta que opõe o homem à natureza, as forças não são iguais e o homem sai sempre vencido. Mas esta hostilidade é entendida como natural e a atitude sábia será a resignação, tal como os homens mais fracos e desprotegidos se resignam à sua posição face aos poderosos (cf. sub - capítulo 2.5 - A ordem social).

Neste processo, pressionado pela hostilidade das condições climatéricas e a exploração social - sob a forma do patrão ou das autoridades - não resta ao homem pobre do sertão, senão recuar à condição de bruto para sobreviver. Estranho aos homens e próximo dos animais, Fabiano considera imprudente a identificação com o Homem, a que, por momentos, se atreve, orgulhoso de ter fugido à seca:

“ Fabiano , você é um homem - exclamou em voz alta.”

Conteve-se, notou que os meninos estavam perto, com certeza iam admirar-se ouvindo-o falar só. [...]

Olhou em torno, com receio de que, fora os meninos, alguém tivesse percebido a frase imprudente. Corrigiu-a, murmurando:

_ Você é um bicho, Fabiano.” (p.18).

Os limites entre o homem, a terra e os animais quase se fundem no sertão de VS. Amiúde encontramos Fabiano e a família agachados, acorados: “ foram agachar-se perto dos filhos, suspirando, conservaram-se encolhidos” (p.12); “ Sinhá Vitória, queimando o assento no chão, as mãos cruzadas separando os joelhos ossudos” (p.11); “ A cabeça inclinada, o espinhaço curvo” (p.17).

Esta aproximação ao solo significa um elo entre o ser e a terra, como se formados da mesma matéria: o chão rachado pela seca confunde-se com o pé rachado de Fabiano e continua-se por ele. A atitude postural, como o modo de locomoção, denunciam não só uma necessidade de protecção, pela

²⁰ R.A. LAWTON, op.cit., p.66 (tradução nossa):

proximidade com a posição uterina, mas também uma aproximação do estado animal negando a posição erecta que distingue o homem dos outros animais. Na vida áspera da catinga, os seres humanos nivelam-se aos demais “viventes”: bois, cavalos, o papagaio, a cachorra Baleia; a natureza constitui o referencial dos homens, por isso é reiterativa a comparação, a qual é motivo de orgulho para o homem quando significa resistência, luta contra a adversidade:

“ Você é um bicho. Isto para ele era um motivo de orgulho. Sim senhor, um bicho, capaz de vencer dificuldades” (p.18); “Era um bicho resistente” (p.91); “Precisavam ser duros, virar tatus. Se não calejassem, teriam o fim do seu Tomás da bolandeira” (p. 23).

Mas essa semelhança com os animais, num ambiente social urbano, surge como inferioridade: “ Na catinga ele às vezes cantava de galo, mas na rua encolhia-se.” (p.27).

A identificação com o reino animal é, como afirmámos, recorrente em VS, Fabiano “vivia longe dos homens, só se dava bem com animais” (p.19); neste processo de zoomorfismo encontramos a semelhança com vários animais na atitude:

“Estava escondido no mato como **tatu**. Duro e lerdo como tatu” (p.23); “**cabra** safado, mole” (p.95); fugindo “como **bichos**” (p.106), ou “preso como **novilho** marrado a um mourão, suportando ferro quente” (p.33), mas desejando a liberdade de sair dali “ como **onça**,”(p.33); famintos como bois “ então eles eram **bois** para morrer tristes por falta de espinhos?” (p.106) e, também como eles, de andar dorido “ pezunhavam nos seixos como **bois** doentes dos cascos.²¹” (p.63); inúteis como cachorros “...Eles dois velhinhos, acabando-se como **cachorros**, inúteis, acabando-se como Baleia”(p.110); com remorsos de “coração grosso como um **cururu**” (p.98); o filho mais novo “mexendo-se como um **urubu**” (p.45) e o pai anda “direitinho um **urubu**” (p.47); Fabiano desajeitado e amolecido como um **pato** (p.89) ou desesperado, “enroscando-se como uma **cascavel** assanhada” (p.95)

Também na compleição física se regista a proximidade: “os olhos azuis brilharam como olhos de **gato**” (p.29), sinha Vitória calçada para a festa, tem “pés de **papagaio**” (p.38); Fabiano “ feio e bruto, com aquele jeito de **bicho lerdo** que não se aguenta em dois pés.” (p.59); as suas mãos “grossas e cabeludas” (p.19); o corpo e o modo de andar de Fabiano lembram um **macaco** (p.19) e “ montado, confundia-se com o **cavalo**” (p.19).

²¹ Várias são as referências a partes do corpo dos humanos como animais: *Beijos*: pp. 25, 43, 68,84,91,101,103; *ventas*: 27,30; *cascos*: 1,82,105.

A contiguidade com o reino animal verifica-se, ainda, no modo de falar, pela imitação dos sons produzidos por animais e homens, à maneira dos papagaios (cf. sub - capítulo 2.6. Deficit de linguagem/ deficit ontológico), e nos hábitos: “roncava como um **porco**” (p.86); os filhos brincam na lama “como porcos” (p.21); “o costume de encafuar-se não estava certo, que ninguém é **galinha**” (p.40); “tinham-se habituado à camarinha escura, pareciam **ratos**” (p.18).

Se os seres humanos imitam os padrões de comportamento dos animais, estes, por sua vez, ascendem à categoria de humanos, no processo contrário de antropomorfismo. Baleia é considerada um membro da família, “sabida como gente” (p.31), demonstra ternura e compaixão “todos o abandonavam, a cadelinha era o único vivente que lhe mostrava simpatia” (p.50), mas as suas atitudes humanas prosseguem: desaprova, “detestava expansões violentas” (p.52), “[...] permaneceria indiferente”(p.56), e morre com o pensamento na família “Baleia queria dormir, acordaria feliz, num mundo cheio de préas. E lamberia as mãos de Fabiano, um Fabiano enorme, as crianças se espojariam com ela” (p.80). Também o papagaio se aproxima dos sertanejos não só na imitação da escassez da fala, impotência da linguagem, como na forma de caminhar “[...] caminhava aos tombos, como os matutos em dia de festa”(p. 39) e a sua memória permanece no seio da família.

Para além de uma zoomorfização dos homens e humanização dos animais, encontramos ainda uma fusão com objectos, num processo de reificação. De facto, nas primeiras descrições, as personagens definem-se através de objectos: “Sinhá Vitória acomodou os filhos, que arriaram como trouxas, cobriu-os com molambos” (p.11); “caminhando, movia-se como uma coisa, para bem dizer não se diferenciava muito da bolandeira do seu Tomás”(p. 14); “Fabiano, uma coisa de fazenda, um traste” (p.22). Notemos que é a fazenda a possuí-lo, não o contrário.

Não terminam ainda os processos de identificação com outra coisa que não o homem; a proximidade com a natureza convoca-a como elemento comparativo:

“Tudo seco em redor. E o patrão era seco também, arreliado, exigente e ladrão, espinhoso como um pé de mandacaru.” (p.23);

“Olhou os quipás, os mandacarus e os xiquexiques. Era mais forte que tudo isso, era como as catingueiras e as baraúnas. Ele, sinha Vitória, os dois filhos e a cachorra Baleia estavam agarrados à terra.” (pp. 18-19) ²².

²² A proximidade entre homens e natureza é desde logo evidente no próprio título da obra como já notámos.

Numa sociedade em que os homens assumem a condição de animais, objectos e elementos da natureza, surge como natural a procura ontológica. O que é, afinal, ser Homem? Várias respostas vão surgindo ao longo da obra:

Ser homem é ter; a propriedade surge como elemento ontológico, definidor da natureza humana: “E, pensando bem, ele não era homem: era apenas um cabra ocupado em guardar coisas dos outros. Vermelho, queimado, tinha os olhos azuis, a barba e os cabelos ruivos; mas como vivia em terra alheia, cuidava de animais alheios, descobria-se, encolhia-se na presença dos brancos e julgava-se cabra.” (p. 18).

Ser homem é também desempenhar uma função e criar raízes como uma planta²³: “Agora Fabiano era vaqueiro, e ninguém o tiraria dali. Aparecera como um bicho, entocara-se como um bicho, mas criara raízes, estava plantado.” (p.18).

Mas de novo a questão da propriedade se eleva, posicionando-se como essencial: “Entristeceu. Considerar-se plantado em terra alheia! Engano. A sina dele era correr mundo, andar para cima e para baixo, à toa, como judeu-errante. Um vagabundo empurrado pela seca. Achava-se ali de passagem, era hóspede.” (p. 19).

Ser homem é andar de cabeça direita, sair do covil e, sem medo, enfrentar a claridade, isto é, ousar:

“Por que haveriam de ser sempre desgraçados, fugindo no mato como bichos? Com certeza existiam no mundo coisas extraordinárias. Podiam viver escondidos como bichos? Fabiano respondeu que não podiam.” (pp. 105-106);

“Estava escondido no mato como tatu. Duro, lerdo, como tatu. Mas um dia sairia da toca, andaria com a cabeça levantada, seria homem” (p.23).

Mas, logo de seguida, confronta-se com a realidade:

“Não, provavelmente não seria homem: seria aquilo mesmo a vida inteira, cabra, governado por brancos, quase uma rês na fazenda alheia” (p. 23).

Ser homem é, ainda, dominar a palavra como veremos no capítulo dedicado à linguagem.

²³ Cf. *Os flagelados do vento leste* em que a personagem José da Cruz defende que criar raízes confere dignidade ao Homem.

2.5 A ordem social

Se o meio natural se apresenta como déspota, tirano que tudo arrasta e arrasa, o meio social não é menos opressor; é o próprio Fabiano que percepção esta aliança contra si: “ Se pudesse mudar-se, gritaria bem alto que o roubavam. Aparentemente resignado, sentia um ódio imenso a qualquer coisa que era ao mesmo tempo a campina seca, o patrão, os soldados e os agentes da prefeitura. Tudo na verdade era contra ele” (p. 84).

A nível social dois mundos se opõem: o dos oprimidos e explorados, os “cabras”, e os “brancos” opressores e exploradores. Esta estratificação é naturalmente reconhecida, o patrão grita para mostrar a sua autoridade e esta é aceite com resignação:

“ Os outros brancos eram diferentes. O patrão actual, por exemplo, berrava sem precisão. Quase nunca vinha à fazenda, só botava os pés nela para achar tudo ruim. O gado aumentava, o serviço ia bem, mas o proprietário descompunha o vaqueiro. Natural. Descompunha porque podia descompor, e Fabiano ouvia as descomposturas com o chapéu debaixo do braço, desculpava-se e prometia emendar-se. Mentalmente jurava não emendar nada, porque estava tudo em ordem, e o amo só queria mostrar autoridade, gritar que era dono. Quem tinha dúvida?” (p. 22).

Fabiano revela consciência do seu lugar no mundo e uma aceitação dessa situação como natural; como escravo de um feudo, nada possui, está de passagem, “ao ser contratado, recebera o cavalo de fábrica, perneiras, gibão, guarda-peito e sapatões de couro cru, mas ao sair largaria tudo ao vaqueiro que o substituísse” (*idem, ibidem*), é apenas mais “uma coisa da fazenda, um traste, seria despedido quando menos esperasse” (*idem, ibidem*).

A seca empurra, o patrão empurra, o sertanejo está, assim, condenado à situação de retirante, “de trouxa arrumada” (*idem, ibidem*), pela ordem natural e social. Luxos e sonhos não podem ter lugar, sinha Vitória nunca terá uma cama igual à de Tomás da bolandeira “ Cambembes podiam ter luxo?” (*idem, ibidem*), é evidente que não.

Dois capítulos em particular, “Cadeia” e “Festa”, evidenciam este confronto entre o pobre camponês explorado e o outro que pertence ao meio citadino. No primeiro surgem, em forma de síntese, as várias figuras da cidade: o Doutor Juiz de Direito, o Delegado, o cobrador da Prefeitura, seu Vigário, seu Inácio lojista, sinha Rita, louceira, e o soldado amarelo. Este último representa a autoridade e mandava, Fabiano, pelo contrário, “sempre havia obedecido. Tinha muque e substância, mas pensava pouco, desejava pouco e obedecia.” (p. 26).

Num movimento de ponto e contra-ponto, à indignação opõe-se a submissão, o reconhecimento do seu lugar na escala social e da imobilidade da mesma: “Homem bom, seu Tomás da bolandeira, homem aprendido. Cada qual como Deus o fez. Ele, Fabiano, era aquilo mesmo, um bruto.” (p.32).

Perante o desafio do soldado, inicia um gesto de reacção, mas “olhou as coisas e as pessoas em roda e moderou a indignação. Na catanga ele às vezes cantava de galo, mas na rua encolhia-se” (p. 27), o direito à indignação dissipa-se perante o outro, não seu igual, mas superior, e acaba por cair na armadilha e ser preso. A mesma consciência da autoridade e seu inquestionável acatamento impedem-no de responder com violência à provocação do soldado e inibem a sua capacidade de resposta e vingança quando, mais tarde, encontra o soldado sozinho: “ Sim, havia um amarelo, criatura desgraçada que ele, Fabiano, desmancharia com um tabefe. Não tinha desmanchado por causa dos homens que mandavam.” (p.29).

Fabiano aceita o exercício da violência gratuita pelas autoridades, resignando-se: “ Sabia perfeitamente que era assim, acostumara-se a todas as violências, a todas as injustiças” (pp.29-30) e consola as vítimas: “ Tenha paciência. Apanhar do Governo não é desfeita” (p.30).

Contudo, o sentimento de injustiça e raiva subjazem configurando dois movimentos opostos, presentes ao longo de toda a obra: revolta e resignação. Num discurso indirecto livre de responsabilidade partilhada entre narrador e personagem, a interrogação e a frase condicional estão ao serviço da denúncia e da crítica: de quem é a culpa de ser ignorante e pobre?

“ Era bruto, sim senhor, nunca havia aprendido, não sabia explicar-se. Estava preso por isso? Como era? Então mete-se um homem na cadeia porque ele não sabe falar direito? Que mal fazia a brutalidade dele? Vivia trabalhando como um escravo. Desentupia o bebedouro, consertava as cercas, curava os animais – aproveitava um casco de fazenda sem valor. Tudo em ordem, podiam ver. Tinha culpa de ser bruto? Quem tinha culpa? [...] Se lhe tivessem dado ensino...” (p.32).

No confronto com o soldado amarelo, a sós, na catanga, os dois impulsos de acção e renúncia à acção dominam-no, há a revolta e a raiva, um “fogo – corredor que ia e vinha no espírito dele” (p.37), um impulso de morte, de vingança que se deixa anular pelo impulso contrário, o medo, o respeito pela autoridade. O instante de cegueira não retorna e, consciente da sua impotência, sente raiva e avança para o inimigo, para logo de seguida amolecer. Reconhece a suprema humilhação de ter sido insultado e preso por uma “fraqueza fardada” (p.92), seria um homem se se vingasse, se matasse o soldado, mas está velho e fraco, não é já o homem impetuoso por quem sinha Vitória se apaixonou, não é o “cabra valente” (p.88) como se reinventa nas histórias contadas aos filhos.

Outros são os momentos em que estes dois impulsos se confrontam: na festa da cidade, a cachaça dá-lhe forças para se insurgir e o desejo de vingança cresce, contudo há sempre nele “ um resto de prudência” (p.69); “ impelido por forças opostas, expunha-se e acautelava-se” (p.69). Frente ao patrão, na hora das “Contas” não se conforma e reage, mas, face à ameaça de expulsão da fazenda “ baixou a pancada e amunhecou” (p. 82); frente ao cobrador da prefeitura quando este se importuna face à sua insolência, Fabiano encolhe-se e desculpa-se, com “ o chapéu de couro na mão, o espinhaço curvo” (p.83).

O que o impede de vingar-se e matar os “donos do soldado amarelo”? A família...como reconhece “ O que o segurava era a família. Vivia preso como um novilho amarrado ao mourão, suportando ferro quente. Se não fosse isso, um soldado amarelo não lhe pisava o pé não. O que lhe amolecia o corpo era a lembrança da mulher e dos filhos” (p. 33). Por eles renuncia ao direito de protestar, por eles “baixa a crista” (p. 84) e assim perpetua o jugo, que irá sujeitar, um dia, os seus filhos: “ Quando crescessem, guardariam as reses de um patrão invisível, seriam pisados, maltratados, machucados por um soldado amarelo. “ (p. 34).

No capítulo “Inverno”, Fabiano recorda o episódio da cadeia quando colocou a hipótese de, no desespero da seca, abandonar a família, então “coseria a facadas o soldado amarelo, depois mataria o juiz, o promotor e o delegado. Estivera uns dias assim murcho, pensando na seca e roendo a humilhação.” (p.58). Mas, como vimos, não é apenas a família que o aprisiona e amolece, a reverência perante a autoridade e a consciência da inferioridade em relação ao outro cerceiam a sua revolta e impedem-no de agir.

Nas suas cartas, Graciliano observa: “ no fundo todos somos como a minha cachorra Baleia e esperamos por preás ” ou seja, projectamos no futuro um paraíso perdido, uma sociedade igualitária, justa, em harmonia com a natureza. Mas a analogia com a cachorra Baleia não nos remete apenas para a esperança, aponta também para a submissão, o sacrifício e a natural aceitação dos pontapés que “ estavam previstos e não dissipavam a imagem do osso” (p. 50), não esqueçamos que Baleia morre sem morder Fabiano, mantém a atitude de obediência e sujeição, desejando acordar num mundo de preás: “Baleia queria dormir. Acordaria feliz, num mundo cheio de preás. E lamperia as mãos de Fabiano, um Fabiano enorme.” (p.80)

Prosseguindo a analogia com os sertanejos, Baleia aceita os pontapés como necessários e a fuga como único meio de escapar-lhes: “ Para ela os pontapés eram factos desagradáveis e necessários. Só tinha um meio de evitá-los, a fuga.” (pp. 52-53).

O capítulo “Festa” constitui, como já referimos, outro momento em que o confronto homem da cidade – homem do sertão se evidencia. Neste meio, Fabiano e a família sentem-se deslocados, constrangidos e desconfortáveis não apenas pelas exigências do vestuário, como também pela estranheza e medo do desconhecido. Neste lugar alargado e, por isso, hostil, os filhos vêem os pais reduzidos na sua dimensão e importância e Fabiano sente-se oprimido, esmagado:

“A multidão apertava-o mais que a roupa, embaraçava-o. De pernas, gibão e guarda-peito, andava metido numa caixa, como tatu, mas saltava no lombo de um bicho e voava na caatinga. Agora não podia virar-se: mãos e braços roçavam-lhe o corpo. Lembrou-se da surra que levava e da noite passada na cadeia. A sensação que experimentava não diferia muito da que tinha tido ao ser preso. Era como se as mãos e os braços da multidão fossem agarrá-lo, subjugá-lo, espremê-lo num canto da parede.” (p. 66).

Fabiano reconhece-se inferior quando se compara com os cidadãos, por isso se isola e torna-se desconfiado, vendo em todos os daquele meio, potenciais inimigos que o tentam enganar e espoliar “ os caixeiros, os comerciantes e o proprietário tiravam-lhe o couro, e os que não tinham negócio com ele riam vendo-o passar nas ruas tropeçando” (p.67)²⁴, assim fazendo ressoar o mito rousseauiano do bom selvagem não corrompido pela civilização: “ Estava convencido de que todos os habitantes da cidade eram ruins.” (p. 68).

A forma de exploração do vaqueiro sertanejo está brilhantemente resumida, ao estilo depurado de Graciliano Ramos: “ Quem é do chão não se trepa” (p. 81) repete, por duas vezes, o vaqueiro que assume o seu lugar na hierarquia social: sabe que não tem direito a ter sonhos, depende do proprietário, o seu destino é “ trabalhar como um negro e nunca arranjar carta de alforria” (p.82); o receio de ser expulso da Fazenda fá-lo render-se e calar-se, mesmo sabendo que está a ser espoliado.

Esta é a forma do autor denunciar a exploração do homem sertanejo; a sua crítica não é directa ou veemente, como já referimos, mas é mostrando este inexistir, esta miséria, esta injustiça e impotência face à opressão da natureza e dos homens que o autor nos conduz à revolta.²⁵

²⁴ Este sentimento do protagonista lembra o índio Kino de *A Pérola* de Steinbeck também ele enganado pelo branco opressor quando tenta vender a sua pérola.

²⁵ Por oposição, parece-nos pertinente o cotejo com uma resposta contrária à de Fabiano: a luta armada movida pelo ódio e pela ousadia. Curiosa coincidência histórica: em 1938, ano da publicação desta obra, é esmagada a revolta de Lampião (Virgulino Ferreira da Silva) e Maria Bonita que recusaram o jugo, a canga (daí a designação “cangaços”), na procura da justiça social. A guerrilha sertaneja surge num contexto geográfico, social e histórico que a propicia. Na verdade, os sertões constituíam, dentro do Brasil, uma sociedade à parte, com seus códigos e leis próprias, onde o Estado era uma figura distante, abstracta, presente apenas na legitimidade do autoritarismo e na repressão. A brutalidade e a violência daquela sociedade, a miséria e a exploração, a ausência do Estado e a presença da lei do mais forte, são factores que propiciaram o emergir de

Fabiano assume a sua sorte, reconhece que nasceu “com um destino ruim” (p.84) que não é possível alterar, “era sina” (p.91). O pai vivera assim, o avô também. E para trás não havia família. “Cortar mandacaru, ensebar látégos – aquilo estava no sangue. Conformava-se, não pretendia mais nada” (p.84). Mas indigna-se porque não há justiça, não lhe dão aquilo a que tem direito, compara-se a um cão que só recebe ossos e não entende como é que “os homens ricos ainda lhe tomavam uma parte dos ossos?” (p.84). A ideia de não trabalhar mais surge-lhe na mente, mas recua logo de seguida; face à “perseguição” de que se sente vítima, reconhece, desanimado, que nada há a fazer, e prevê o seu futuro: “matar-se-ia no serviço e moraria numa casa alheia, enquanto o deixassem ficar. Depois sairia pelo mundo, iria morrer de fome na catinga seca.” (p.86). Contudo, como veremos no final da obra, a esta consciência do absurdo, da inutilidade do esforço, contrapõe-se a esperança, a fé em dias melhores, a sul...

2.6 Deficit de linguagem/ deficit ontológico

A comunicação simbólica constitui um dos primeiros passos a trilhar no sentido de uma sociedade humana, um marco que separa a natureza da cultura²⁶. Fabiano e a família situam-se num nível primário desse estádio, uma vez que, para eles, essa comunicação simbólica é, muitas vezes, distante e inapreensível.

O casal usa uma espécie de linguagem privada²⁷ composta por gestos, onomatopéias, exclamações monossilábicas, guturais: “Não era propriamente conversa: eram frases soltas, espaçadas” (p.55). O nível elementar de proficiência linguística de Fabiano impõe-lhe dificuldades de comunicação com os homens, mas os animais entendem-no bem:

“Montado, confundia-se com o cavalo, grudava-se a ele. E falava uma linguagem cantada, monossilábica e gutural, que o companheiro entendia. [...] Às vezes utilizava nas relações com as pessoas a mesma língua com que se dirigia aos brutos – exclamações, onomatopéias.” (p.19) ostensivo

homens e bandos com uma lei própria, a desafiar a ordem estabelecida. A memória de Lampião, e de sua companheira, permanece no imaginário popular ultrapassando as fronteiras de um tempo e de um lugar: a catinga sertaneja da primeira metade do século XX.

²⁶ No sentido já definido na introdução deste trabalho.

²⁷ Cf. WITTGENSTEIN, *Tratado Lógico - Filosófico & Investigações Filosóficas*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2008, §§258-260 em que o autor postula que a ideia de poder haver algo como uma linguagem privada é a manifestação de um comprometimento implícito a uma imagem pré-teórica, segundo a qual a função essencial das palavras seria nomear itens da realidade, pressupondo que a conexão entre a palavra e o mundo tem como função essencial descrever estados de coisas.

A identificação com os animais, ao nível da linguagem, produz-se não só pela imitação dos sons emitidos por eles (recursiva a utilização de verbos onomatopáicos: roncar, rosnar, grunhir, grasnar, pipilar ou zumbir), como também pela imitação da linguagem humana, qual papagaios – mimetismo sem aquisição de código:

“ Às vezes largava nomes arrevezados, por embromação. Via perfeitamente que tudo era besteira. Não podia arrumar o que tinha no interior” (p.32);

“ Em horas de maluqueira Fabiano desejava imitá-lo [Tomás da Bolandeira]: dizia palavras difíceis, truncando tudo, e convenciam-se que melhorava. Tolicice. Via-se perfeitamente que um sujeito como ele não tinha nascido para falar certo” (p.21).

Fabiano dificilmente consegue atravessar a barreira dos significantes para atingir os significados, as palavras não cumprem a sua finalidade de comunicação, os signos constituem um mistério intraduzível, mas maravilhoso, deixando-o extasiado com a sua beleza, ainda que lhe desconheça a significação, tal como as cantigas de crianças que encantam apenas pelo seu valor musical e lúdico. Não raro vemos o vaqueiro esperar a repetição de um enunciado na esperança de chegar à decifração do código: “ Uma das crianças aproximou-se, perguntou-lhe qualquer coisa. Fabiano parou, franziu a testa, esperou de boca aberta a repetição da pergunta” (p.19).

O elementar domínio da palavra condiciona-o a vários níveis: é um homem “receoso de ser enganado” (p.25), desconfiado quando tem de fazer compras na cidade, “ certo de que todos os caixeiros furtavam no peso e na medida” (*idem, ibidem*) ou quando faz as contas com o patrão, pois “ sempre que os homens sabidos lhe diziam palavras difíceis, ele saía logrado. Sobressaltava-se escutando-as. Evidentemente só serviam para encobrir ladroeiras. Mas eram bonitas”(p. 85).

A sua competência linguística é tão limitativa que impõe dificuldades de expressão com os homens da cidade, sobretudo com os representantes da autoridade: “ atentou na farda com respeito e gaguejou, procurando as palavras de seu Tomás da bolandeira” (p.26). Essa mesma dificuldade impede-o de compreender a acusação que o leva à cadeia e impossibilita-o de se defender porque “ pegado de surpresa, embatucara” (p.29). Tem consciência de que a sua falta de instrução foi responsável pelo humilhante incidente da prisão: “Era bruto, sim senhor, nunca havia aprendido, não sabia explicar-se. Estava preso por isso?” (p.32)

Se, com Wittengstein, "Os limites da minha linguagem significam os limites do meu mundo", então o mundo de Fabiano é, na verdade, muito limitado e ele reconhece-o:

“O fio da ideia [tenta engendrar uma desculpa a apresentar a sinha Vitória quando perde dinheiro no jogo] cresceu, engrossou - e partiu-se... Difícil pensar. Vivia tão agarrado aos bichos... Nunca vira uma escola, por isso não conseguia defender-se, botar as coisas nos seus lugares” (p. 32). E logo de seguida através da frase condicional, questiona “Se lhe tivessem dado ensino, encontraria meio de entendê-la.” (*idem, ibidem*).

De facto, as limitações do discurso condicionam, até, uma simples conversa com a mulher, que, como é descrita, não é uma verdadeira conversa; a comunicação não se estabelece, cada um exhibe as imagens que lhes vêm ao espírito carregadas de ambiguidade e incongruências: frases soltas, repetidas, uma confusa “parolagem mastigada” (p.56). As histórias junto ao fogo revelam-se quase incompreensíveis e a única estratégia de remediação é a repetição. Mas os filhos preferem essa repetição à modificação da história que lhe reduz a verosimilhança: estamos perante seres que se situam num nível limiar do uso da palavra, o da conexão com a realidade; como se os signos fossem necessários e não arbitrários.

Como produtores de discurso, também os filhos, naturalmente, revelam uma linguagem limitada; o mais novo deseja comunicar com a mãe, mas leva “um cascudo” (p. 44), acredita que poderia explicar-se através da fala, mas como isso lhe é negado, exprime a ideia de que podia ser como o pai através da acção: monta o bode imitando as artes de vaqueiro do seu progenitor.

O mais velho apresenta, também, um deficit de linguagem, imitando os sons dos animais e da natureza, socorrendo-se de gestos e gritos para comunicar com Baleia: “Tinha um vocabulário quase tão minguido como o do papagaio que morrera no tempo da seca. Valia-se, pois, de exclamações e de gestos, e Baleia respondia com o rabo, com a língua, com movimentos fáceis de entender” (p. 50). Os animais e a natureza constituem modelos a imitar, para além da fala humana: “Como não sabia falar direito, o menino balbuciava expressões complicadas, repetia as sílabas, imitava os berros dos animais, o barulho do vento, o som dos galhos que rangiam na catinga, roçando-se” (p.52). E quando arriscou aprender o significado de uma palavra, “inferno”, a mãe achou-o insolente e aplicou-lhe um “cocorote”.

Este episódio centra, mais uma vez, o uso da linguagem na referência, o menino “tinha querido que a palavra virasse coisa” (p. 51), “não acreditava que um nome tão bonito servisse para designar coisa ruim” (p. 52)²⁸. Também o menino mais novo, na festa de Natal na cidade, associa directamente os

²⁸ O domínio elementar da linguagem coloca as personagens ao nível da necessidade do signo, sem compreender com Wittgenstein, e mais tarde, Saussure, que o significado das palavras não depende do referente, mas de como são usadas, dentro de um contexto e sistema de regras.

nomes às coisas e espanta-se “como podiam os homens guardar tantas palavras?” (p.72) duvidando, mesmo, que elas tenham sido feitas por gente e atribuindo-lhes um poder mágico que as faz actuar como “forças estranhas”, considerando imprudente o seu uso (cf. pp. 72-73).

A Natureza oferece um sistema de signos e a sua decifração fica a cargo de sinha Vitória que, qual Pitonisa, apenas logra transmitir a mensagem sem a traduzir; Fabiano vê nos signos o que deveria ver atrás dos signos e os símbolos são traduzidos como tendo um fim em si, descurando o que eles realmente representam:

“ Impossível compreender a intenção da mulher. Não atinava. Um bicho tão pequeno! Achou a coisa obscura e desistiu de aprofundá-la” (p.93);

“ Aqueles malditos bichos é que lhe faziam medo. Procurou esquecê-los. Mas como poderia esquecê-los se estavam ali voando-lhe em torno da cabeça, agitando-se na lama, empoleirados nos galhos espalhados no chão, mortos? Se não fossem eles a seca não existiria” (p. 96);

“As bichas excomungadas eram a causa da seca. Se pudesse matá-las, a seca se extinguiria” (p.97).

A este propósito Roberto Ballalai comenta: “Contente com uma explicação fácil, o herói não enfrenta o obstáculo imposto por um significante que investe funções de significado. O símbolo adquire o valor de objecto simbolizado e a agressividade do herói não se dirige contra este objecto, mas contra a sua representação”²⁹

A questão da linguagem é fulcral em VS, pois constitui uma alegoria da condição humana. O mundo de VS é um lugar onde se fala pouco, até para poupar esforços: “ Calou-se para não estragar força” (p.11). O silêncio é o estado natural deste grupo que vive no isolamento e são as crianças que tentam romper esse mutismo que consubstancia o mistério, a ignorância e a morte. O próprio Fabiano, quando criança, interpela o pai, mas em vão: “ Tentou recordar o seu tempo de infância, viu-se miúdo, enfezado, a camisinha encardida e rota, acompanhando o pai ao serviço do campo, interrogando-o debalde” (p. 20) e quando é ele próprio o pai, não só mantém a atitude de desprezo, como repreende e repele os seus filhos quando o interrogam sobre o sentido das palavras:

“ Uma das crianças aproximou-se, perguntou - lhe qualquer coisa. Fabiano parou, franziu a testa, esperou de boca aberta a repetição da pergunta. Não percebendo o que o filho desejava, repreendeu-o. O menino estava ficando muito curioso, muito enxerido. Se continuasse assim, metido com o que não era da conta dele, como iria acabar? Repeliu-o vexado” (pp.19-20).

²⁹ Cf. ROBERTO BALLALAI, “Estruturas de significação na narrativa - Vidas Secas” in *Seminaire Graciliano Ramos “Vidas Secas” de février et juin 1971*, Centre de Recherche Latino- Américaines de l’Université de Poitiers, 1972 ,p. 112

Quando o filho mais velho tenta estabelecer comunicação, sinha Vitória “ soltou uma exclamação de aborrecimento, e, como o piralho insistisse, deu-lhe um cascudo” (p. 44).

Os adultos parecem recear a palavra desvelada, há um mal-estar premente, irritam-se e são violentos, como reacção ao seu próprio fracasso na compreensão linguística. No seio da família, ensinam-se as crianças a calar, a não questionar, iniciando-as num mundo de submissão que se perpetua. Perguntar, compreender é proibido, desde o berço se infunde o respeito pela autoridade e pelo poder dos que sabem e podem falar. Esta atitude está bem representada no episódio já referido em que o filho mais velho não entende o sentido da palavra “ inferno” e interroga os adultos que o ignoram e castigam a insolência fisicamente. De notar que esta tentativa do menino de penetrar no mistério das palavras é considerada uma impertinência, e a sua condenação corresponde a uma atitude de passividade e resignação; a revelação do significado das palavras quebraria a barreira entre o opressor e o oprimido, por isso a insistência do menino é considerada um acto de subversão que a família repudia, pois, naturalmente, aceita que nunca poderá atingir o domínio da palavra e que todos aqueles que se sabem servir da língua, são seus potenciais inimigos.

É pela linguagem que Fabiano toma consciência do seu lugar no mundo; ela é uma marca de classe, privilégio dos ricos, como confirma na interrogação: “ Para quê um pobre da laia dele usar conversa de gente rica?” (p.85); é através da linguagem que o patrão aplica a sua autoridade, impondo a submissão, por oposição ao silêncio dos dominados. Duas outras personagens se destacam pelo poder da linguagem: sinha Terta e seu Tomás da bolandeira. Este último representa também a riqueza, a propriedade, mas usa a linguagem com uma estranha cortesia, não de forma autoritária: “Pedia. Esquisitice um homem remediado ser cortês. Até o povo censurava aquelas maneiras. Mas todos obedeciam a ele.” (p. 22).

Fabiano admite o poder da linguagem, sabe que através dela poderia procurar trabalho noutra local ou enfrentar a autoridade gratuita dos soldados amarelos, reconhecendo que “ não podia arrumar o que tinha no interior. Ah! Se pudesse, atacaria os soldados amarelos que espancam criaturas inofensivas” (p.32) e a sua consciência linguística leva-o a sentir-se fascinado pela maravilha da palavra, pelo poder que ela confere: “ Admirava as palavras compridas e difíceis da gente da cidade, tentava reproduzir algumas, em vão, mas sabia que elas eram inúteis e talvez perigosas” (p.19). Perigosas porque corrompem e provocam a ira dos poderosos, mas o seu domínio constituiria uma arma contra a opressão linguística condicionadora das demais formas de opressão. A negação do ensino a Fabiano privou-o do poder da palavra, o que o levou a responsabilizar o destino, a sorte, a natureza pela sua miséria e não os homens e as suas instituições.

Em mais de uma ocasião de confronto com o homem da cidade, as palavras escasseiam: gagueja, balbucia ou, quando as palavras lhe surgem, porque não as domina do ponto de vista semântico e pragmático e a correspondência entre significado e significante faz-se pela intuição, (pois não ocorreu a aprendizagem de um código), são frequentes as traduções erradas, acabando por o expor ao perigo em vez de o salvar. De facto, o seu desconhecimento do contexto linguístico e extra-linguístico (discursivo, situacional) conduz a mal-entendidos: “às vezes dizia uma coisa sem intenção de ofender, entendiam outra, e lá vinham questões” (p.85). A linguagem é fonte de equívocos; um soldado pisa-o, pensa que protesta polidamente, razoavelmente, mas acaba na prisão onde é agredido. Não entende a acusação, não sabe defender-se, permanece mudo como um animal: “Dois excomungados tinham-lhe caído em cima, um ferro batia-lhe no peito, outro nas costas [...] tudo porque se esquentara e dissera uma palavra inconsideradamente. Falta de criação. Tinha lá culpa?” (p. 90).

No episódio em que se encontra frente ao soldado em situação de poder vingar-se, o medo cristaliza-lhe a acção, medo que não é mais do que a dificuldade de compreender os signos; a impossibilidade de decifrar o código impede-o de agir e destruir um mito que o oprime.

A consciência da sua verdadeira condição, através da linguagem, conduz a uma contradição que o aprisiona: por um lado entrevê a beleza e o poder libertador da palavra, pois o seu desenvolvimento quebraria a barreira entre opressor que a domina e o oprimido que a usa de forma rudimentar: “Havia muitas coisas. Ele não podia explicá-las, mas havia. Fossem perguntar ao seu Tomás da bolandeira, que lia livros e sabia onde tinha as ventas” (p.30) mas, por outro lado, sabe que lhe é impossível ter acesso a esse poder e despreza-o considerando-o agravante da desgraça, o que conduz à aceitação da ignorância e à passividade:

“Fabiano dava-se bem com a ignorância. Tinha o direito de saber? Tinha? Não tinha.
- Está aí.
Se aprendesse qualquer coisa, necessitaria aprender mais, e nunca ficaria satisfeito” (p.21).

Outro argumento que fundamenta a sua recusa de instrução é o exemplo de Tomás da bolandeira, pois apesar de respeitado, considera que o ensino livresco fez dele um homem fraco, mole, como admite na reflexão:

“Lembrou-se de Seu Tomás da bolandeira. Dos homens do sertão o mais arrasado era Seu Tomás da bolandeira. Porquê? Só se era porque lia de mais. [...] Pois viera a seca, e o pobre homem, tão bom e tão lido, perdera tudo, andava por aí mole. Talvez já tivesse dado o couro às varas, que pessoa como ele não podia aguentar Verão puxado”. (p.21).

Daí que a educação dos meninos vá no sentido de se fazerem homens duros como animais, renegando o exemplo de seu Tomás:

“ Indispensável os meninos entrarem no bom caminho, saberem cortar mandacaru para o gado, consertar cercas, amansar brabos. Precisavam ser duros, virar tatus. Se não calejassem, teriam o fim de seu Tomás da bolandeira. Coitado. Para que lhe servira tanto livro, tanto jornal? Morrera por causa do estômago doente e das pernas fracas.” (p.23).

Fabiano está, pois, condenado ao isolamento, afastado dos outros homens pela incapacidade de comunicar, num silêncio que o reduz à condição animal e o aproxima da morte. Renunciando à linguagem, o homem renuncia ao pensamento, a linguagem é uma forma de fugir à morte do espírito, assim o reconhece sinha Vitória:

“ Indispensável ouvir qualquer som. A manhã, sem pássaros, sem folhas e sem vento, progredia num silêncio de morte (...) Sinha Vitória precisava falar. Se ficasse calada, seria como um pé de mandacaru, secando, morrendo” (p.103).

Este papel fulcral da linguagem, enquanto definidora da condição e da natureza humana, leva Roberto Ballalai, no artigo citado, ao aplicar o esquema de Greimas à obra, a propor um segundo nível não aparente em que o objecto procurado não seria a terra (a Fazenda, a “terra desconhecida”), tendo a seca como destinador, as condições naturais favoráveis (mudança de estação) como adjuvantes e a natureza hostil, o proprietário e a lei, como adversários. Este crítico propõe que o verdadeiro objecto da narrativa seja a palavra salvadora que define ontologicamente o homem: “ o sujeito desprovido de qualificações que permitam a sua nomeação, deve sair à procura daquilo que lhe conceda a faculdade de ser “eu”, a fim de poder escapar à situação aniquiladora em que se encontra”³⁰. Assim, o sujeito, Fabiano, busca a palavra libertadora, mas a sua passividade e aceitação da ignorância constituem um obstáculo à consciencialização da sua situação. Os adjuvantes, nesta leitura, seriam os signos cuja verdadeira leitura não se verifica.

2.7 O absurdo – Sísifo vs. Fabiano

A aceitação da “sorte ruim” imposta pela natureza, sobretudo, mas também pelos homens, como vimos, não impede Fabiano de tentar “brigar com ela e vencê-la” (p.23); o reconhecimento da necessidade da seca e da inutilidade do trabalho não o coíbe de lutar. Num típico processo de ponto e contra-ponto que já foi referido ao longo do estudo da obra, a essa esperança de que um dia “ sairia da

³⁰ROBERTO BALLALAI, op.cit., pág. 107

toca, andaria com a cabeça levantada, seria homem” (p.23), opõe-se a negação da mesma e o reconhecimento da inevitabilidade da sua condição: “não, provavelmente não seria homem: seria aquilo mesmo a vida inteira, cabra, governado pelos brancos, quase uma rês na fazenda alheia” (*idem, ibidem*).

José Álvés em “*Vidas Secas* roman de l’absurde”³¹ propõe um paralelo entre Sísifo e Fabiano, concluindo pela ausência do trágico na personagem de *Vidas Secas* devido à alienação pela esperança, à falta de consciência da sua condição absurda.

Fabiano sonha ser um homem como Tomás da bolandeira, senhor da palavra e, por ela, do saber, contudo, procura um discurso legitimador da sua condição de ignorante e miserável, fazendo uma análise perversa do sistema de conhecimento: “Se aprendesse qualquer coisa, necessitaria aprender mais, e nunca ficaria satisfeito” (p. 21). Uma das misérias da condição humana é a limitação do conhecimento e Fabiano usa esse mal metafísico como justificação para a sua situação, o que constitui uma forma de alienação intelectual. Por definição, o conhecimento humano é sempre limitado, inconcluso; apreender o mundo será sempre uma tarefa vã. “Ser insatisfeito é ser homem”, sintetiza Pessoa, pelo que o argumento de renunciar ao conhecimento porque ele é, por natureza, limitado, constitui uma falácia.

Fabiano legitima a sua opção pela renúncia, pela inércia, reconhecendo que a palavra e o conhecimento são perigosos, não trazem satisfação e aceita o seu destino de homem ignorante que não sabe “falar certo”, porém admira e aspira à palavra e ao conhecimento. Seu Tomás da bolandeira surge, assim, como um modelo a imitar e a negar. Mas a renúncia ao conhecimento, ao uso da palavra, situa-se no tempo presente, é provisória, visto que no futuro se projecta a esperança do domínio da palavra, não já na geração dos pais, mas dos filhos, sonha Fabiano: “ Um dia...Sim, quando as secas desaparecessem e tudo andasse direito [...] Livres daquele perigo, os meninos poderiam falar, perguntar, encher-se de caprichos” (pp.23-24). A inutilidade do esforço, quer do trabalho quer da aprendizagem, sendo transitória, é superada pelo instinto de sobrevivência e a ilusão do absoluto, numa palavra: a esperança, como conclui o narrador “era uma sorte ruim, mas Fabiano desejava brigar com ela e vencê-la, não queria morrer” (p. 23).

O cenário é, pois, o de uma contradição: ou bem que Fabiano justifica a sua ignorância por uma questão de ordem metafísica – o conhecimento absoluto não é acessível ao Homem, a sua impossibilidade faz parte da condição humana; ou justifica-a pela sua condição sócio-económica e essa é passível de mudança no futuro...na cidade:

³¹ In *Seminaire Graciliano Ramos "Vidas Secas" de février et juin 1971*, op. cit, pp. 85-97

“ E andavam para o sul, metidos naquele sonho. Uma cidade grande, cheia de pessoas fortes. Os meninos em escolas, aprendendo coisas difíceis e necessárias” (p. 110).

Este final da obra constitui uma abertura para o futuro, o tempo dos filhos. Se do ponto de vista sociológico esta fuga para a cidade se apresenta como um êxodo rural que imita o êxodo bíblico em busca de Canã; do ponto de vista filosófico apresenta-se como uma forma de alienação. Sendo o absurdo de ordem metafísica e não económico-social, mesmo que a cidade oferecesse melhores condições de vida este manter-se-ia, pois não se pode escapar ao mal (a doença, a morte, o sofrimento).

Entendendo o absurdo como a existência do mal (injustiça social e da natureza), e o trágico como a consciência desse mesmo mal³², Fabiano afasta-se de Sísifo na medida em que luta, mas mantém a ilusão da esperança (uma forma de alienação). Em Sísifo, pelo contrário, é a luta sem ilusão que lhe confere grandeza de herói trágico porque consciente da sua condição e sem esperança. Fabiano, ignorante porque iludido ou iludido porque ignorante não tem a lucidez do herói trágico que se sabe sem esperança e sem dono, mas por isso vence.

Caberá ao leitor compreender que a fuga para a cidade é uma falsa fuga porque esta não é uma obra que se confine ao universo sertanejo, a sua dimensão é a do Homem e esse nunca se libertará da seca, metáfora do Mal. *Vidas Secas* pode, pois, ser lida como a saga de uma família de “retirantes” fugindo à seca, mas, a um nível superior, como a luta do Homem contra o Mal.

³² Cf. ALBERT CAMUS, *O mito de Sísifo*, Carnaxide, Livros do Brasil, 2007, p.127“ Se este mito é trágico é porque o seu herói é consciente (...). Sísifo, proletário dos deuses, impotente e revoltado, conhece toda a extensão da sua miserável condição: é nela que ele pensa durante a sua descida. A clarividência que devia fazer o seu tormento consome ao mesmo tempo a sua vitória . Não há destino que não se transcenda pelo desprezo”

3 OS FLAGELADOS DO VENTO LESTE

3.1 Notas sobre a vida e obra de Manuel Lopes

Manuel Lopes nasce a 23 de Dezembro de 1907 na localidade de Campinho, ilha de S. Nicolau, Cabo Verde, cumprindo um desejo de sua mãe, embora tivesse sido registado e baptizado no Mindelo, S. Vicente, onde frequentou a escola primária e o Liceu Nacional Infante D. Henrique.

Após a morte do pai, com treze anos, parte para Coimbra acompanhado pela madrasta, tia do poeta Sérgio Frusoni, e pelos irmãos. Frequenta as aulas do Colégio de S. Pedro e depois a Escola Comercial; mas o seu verdadeiro interesse começa a ser a leitura dos clássicos na Biblioteca Pública onde passa largas horas. Esta estadia nunca foi do seu agrado, pois queria permanecer no Mindelo para onde regressa em 1923, com dezasseis anos de idade. Aí se emprega numa companhia britânica de telecomunicações e frequenta, como aluno externo, o liceu da cidade. Continua a interessar-se pela literatura assinando revistas especializadas, entre elas, o *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, onde colaborou com textos em poesia e em prosa.

Em 1931 começa a colaborar na imprensa cabo-verdiana, assinando uma crónica intitulada “Parêntesis”, no *Notícias de Cabo Verde*, na qual desenvolve temas ligados à terra e suas gentes, nomeadamente crónicas sobre Eugénio Tavares, outras sobre a mocidade cabo-verdiana, apelando à inscrição, e ainda *Paúl*, uma monografia descritiva desta localidade santantonense que resultou num primeiro livro, em prosa, publicado no Mindelo em 1932. Neste período publica o artigo “Indiferença” no *Ressurgimento de Ponta do Sol* (Santo Antão) na mesma linha de exortação à acção de “A Mocidade Caboverdiana” e vê publicados dois poemas seus, “Libertação” e “Ego”, no Suplemento literário do *Diário de Lisboa*.

Na revista *Claridade* de que foi co-fundador (cf. capítulo 1) várias são as publicações de Manuel Lopes, nomeadamente: o poema “Ecran”, e o artigo “Tomada de Vista” no primeiro número, “Galo Cantou na Baía” no segundo, “Poema de quem ficou” e nova página de “Tomadas de Vista”, no terceiro (1937).

Em Janeiro de 1939, Manuel Lopes contrai matrimónio com uma jovem mindelense: Eugénia de Castro Duarte. Desempregado devido ao encerramento da empresa italiana (Italcable) como consequência da Segunda Grande Guerra, passa a residir na sua casa na Ribeira das Patas em Santo Antão onde permanecerá quatro anos. A paisagem humana e natural desta região marcará profundamente a ambiência de grande parte da sua escrita, destacando-se a obra em apreço *Os Flagelados*

do Vento Leste, testemunho da grande estiagem de 1942. Durante este período o autor foi essencialmente um agricultor, um homem ligado à terra, deixando em pousio o campo literário.

De regresso ao Mindelo, trabalha como tesoureiro na Câmara Municipal e posteriormente na Companhia do Cabo Submarino Inglês que decide a sua transferência para o arquipélago açoriano (1944).

Embora longe, colabora no quarto número da revista *Claridade*, então dirigida por João Lopes, com o conto “O Jamaica zarpou” e o poema “Consummatum”. Mas participa também com dois artigos sobre a nova literatura cabo-verdiana no diário *O Telégrafo* da cidade da Horta. Em Angra do Heroísmo colabora no jornal *A Ilha* no qual publica os poemas “Sombra”, “Navio” e “Poema de quem ficou”. Esta produção lírica integrará a antologia intitulada *Poemas de quem ficou*.

O sétimo número da revista *Claridade* conta ainda com a sua colaboração: “As férias de Eduardinho” (conto) e “Vozes” (poema). Dedicar-se, então, à pintura a óleo, com temas paisagísticos, de que resultaram duas exposições, constituindo, à época, a sua principal actividade artística, dado que a nível literário apenas escreve um primeiro esquisso da novela *Chuva Braba* cuja versão final é produzida, já no continente, em Santo Amaro de Oeiras, onde reside, em virtude da sua transferência dos Açores, por motivos profissionais. Em 1959 publica o livro de contos *O Galo Cantou na Baía*, ano em que colabora com a comunicação “Reflexões sobre a Literatura Cabo-Verdiana ou a Literatura nos Meios Pequenos” nos colóquios Cabo-Verdianos sob a orientação de Manuel Ferreira e Nuno Miranda.

Em 1960 a editora Ulisseia publica *Os Flagelados do Vento Leste* que terá, posteriormente, duas edições brasileiras, igual número de reedições portuguesas e traduções ucraniana e francesa. É nesse mesmo ano que sai o último número da revista *Claridade* na cidade do Mindelo em São Vicente de Cabo Verde.

No ano de 1964, em edição de autor, sairá em Lisboa o livro de versos, *Crioulo e Outros Poemas* e dois anos depois apresenta a comunicação “Breve Introdução À Literatura Regional Cabo-Verdiana” no VI Congresso Internacional de Estudos Luso-Brasileiros na Universidade de Harvard, Boston e na Universidade de Colúmbia em Nova Iorque.

A reforma, em 1967, permite-lhe um curto regresso a Cabo Verde, após vinte e seis anos de ausência, pronunciando, então, na capital do arquipélago a conferência “Considerações sobre as Personagens de Ficção e seus Modelos”, que após revisão e ampliação foi publicada na separata de *Comunidades Portuguesas*.

As antologias poéticas *Resistência Africana* e *Caliban* contam com a sua colaboração, e a obra *Os Flagelados do Vento Leste* dará origem ao guião do filme homónimo realizado por António Faria, cujas filmagens decorreram na Ribeira das Patas em Santo Antão (1986). Esta película será finalizada dois anos mais tarde sem, contudo, entrar no circuito comercial.

No ano do cinquentenário da revista *Claridade*, Manuel Lopes participa no I Simpósio sobre Cultura e Literatura Cabo-Verdianas no Mindelo. Em 1987 é agraciado com o prémio *Claridade*, ex-aequo com Baltasar Lopes, pelo governo cabo-verdiano e em 1994 recebe a Comenda de Dragoeiro, em Lisboa, a mais alta condecoração atribuída em Cabo Verde. De destacar, ainda, o facto da sua obra literária ter sido objecto de uma tese de doutoramento em França³³.

A derradeira publicação, *Falucho Acorado*, antologia poética com alguns inéditos, deu à estampa em 1997; Manuel Lopes, ficcionista, poeta e ensaísta faleceu em Lisboa em 2005, aos 97 anos de idade.

3.2 Contextualização histórico-geográfica de Santo Antão - Cabo Verde

Em *Estudos da História de Cabo-Verde*, Daniel Pereira, citando Sena Barcelos, diz-nos, referindo-se à Carta Régia de 3 de Dezembro de 1460, documento mais antigo que se conhece sobre Cabo-Verde, pela qual D. Afonso V doa as ilhas descobertas: S. Jacobo (Santiago), Felipe (Fogo), ilha das Maias (Maio), S. Cristóvão (Boavista) e a ilha Lhana (Sal) ao infante D. Fernando: "...haverá quatro anos que ele (D.Fernando) começara a povoar a sua ilha que é através de Cabo Verde e que por ser tão alongada dos nossos regnos a gente não quer a ela ir viver senão com mui grandes liberdades e franquezas..."³⁴

Ora a história das descobertas revela-nos que terras muito mais distantes foram povoadas sem que a distância do reino fosse considerada uma dificuldade maior. Este argumento, por isso, não colhe. A verdade é que, apesar das "grandes liberdades e franquezas" concedidas, o povoamento do arquipélago cabo-verdiano, desde os primórdios se revelou uma tarefa difícil por várias razões, entre as quais, se aponta, a de, na altura, não existir qualquer espécie vegetal que pudesse garantir uma alimentação aos povoadores. Uma vez colmatada esta necessidade com plantas originárias de vários continentes, nem o solo, nem o clima se mostravam afectos à agricultura.

³³ Desta tese resultou um livro: MARIE - CHRISTINE HANRAS, , *Manuel Lopes – Um Itinerário Iniciático*, Praia, Instituto Caboverdeano do Livro e do Disco, 1995

³⁴ DANIEL PEREIRA, *Estudos da História de Cabo-Verde*, Praia, Alfa - Comunicações Lda, 2005, p.33, nota 14

Também Marie - Christine Hanras nos confirma a hostilidade do meio cabo-verdiano: “À sua chegada os portugueses encontraram um meio físico pouco hospitaleiro e uma vegetação pouco abundante: o crescimento rápido da população, a cultura intensiva do milho e a introdução de cabras provocaram um desequilíbrio ecológico já de si precário, devido a uma pluviosidade irregular”³⁵

Terá havido, contudo, um momento em que os que chegaram de longe, para o povoamento das ilhas se “esqueceram” dessa lonjura e já não havia nem modo, nem tempo, nem lugar de regresso: assim o verbo “ficar” auferiu grandeza em todas as conjugações e o destino do homem cabo-verdiano se inaugurou, entregue a si próprio e às inclemências da terra, do céu e do mar.

A acção deste romance desenrola-se em Santo Antão, a Barlavento do arquipélago de Cabo Verde (em náutica, indica o lado do vento; Sotavento, o oposto); é a ilha mais ocidental e fica aproximadamente à longitude de São Miguel e Santa Maria (Açores). A sua costa é quase sempre rochosa e escarpada e para evitar os efeitos de erosão, o homem construiu socalcos com a pedra abundante. O relevo é montanhoso (Topo da Coroa é o seu ponto mais elevado com 1.979 m de altitude) e de ravinas profundas. Nesta ilha encontramos a única ribeira de curso permanente em todo o arquipélago: a ribeira do Paúl.

Situando-se na zona tórrida, o seu clima é quente e seco, as chuvas irregulares e pouco abundantes. O vento dominante em Santo Antão, como em todo o arquipélago cabo-verdiano, é o de NE. (alísio) que sopra de Novembro a Julho. Este vento, porque vem de latitudes superiores e de terra, provoca uma longa estação seca e fresca, **tempo das brisas**. De Agosto a fins de Outubro, sopram os ventos marítimos de SW., que dão origem à **estação húmida**, das chuvas ou **tempo das águas**. Esta é a quadra mais quente e também a dos trabalhos agrícolas, a grande ocupação dos cabo-verdianos. Contudo, são frequentes os ventos de E., as **lestadas**, vento quente e seco que queima tudo à sua passagem, constituindo uma grande calamidade para os agricultores.

Causas naturais como os longos períodos de estiagem, as chuvas torrenciais e as lestadas combinam-se para provocar a erosão do solo e conseqüente inviabilização do cultivo que está na origem do flagelo da fome que mata entre dez e trinta por cento da população, em anos de crise. A primeira crise conhecida data de 1580-1583, informa-nos Marie-Christine Hanras³⁶ e no século XX, segundo o estudo de António Carreira³⁷ o pico da taxa de mortalidade na ilha de Santo Antão, devido à seca, é

³⁵ MARIE - CHRISTINE HANRAS, op.cit, p. 25

³⁶ *Idem*, p. 26

³⁷ ANTÓNIO CARREIRA, *Cabo Verde – aspectos sociais. Secas e fomes no século XX*, Lisboa, Ulmeiro, 1984

atingido em 1942, apresentando os seguintes valores: 1254 mortos em 1941; 2230 em 1942 e 1407 em 1943. E é o próprio romancista que nos diz:

“ Quanto a *Os Flagelados do Vento Leste* apenas poderei adiantar que o quadro humano geral é a simbolização de um acontecimento que presenciei e vivi. Refiro-me à tragédia colectiva da estiagem de 1942.”³⁸

Conhecer Manuel Lopes é conhecer Cabo-Verde e as suas gentes: a terra e o homem tão intimamente ligados que quando o cenário desaba, desaba o actor com ele... Diz o escritor no prefácio da obra:

“ Dados os condicionalismos geográficos, climáticos, sociais e económicos, qual a sua [homem cabo-verdiano] resposta coerente, mas de acordo com as suas necessidades imediatas, por um lado, e com a sua idiosincrasia, por outro, em face da solicitação do mar e da solicitação da terra? Apetece-me colocá-lo vis-à-vis dessas duas presenças dominadoras e justificar a sua provável atitude; enfim considerá-lo, paralelamente, produto de contrastes flagrantes que oferece o perfil das ilhas”.

3.3 Retrato de uma sociedade rural

Esta obra retrata a sociedade rural de Santo Antão, caracterizada por uma grande dependência em relação à terra, uma hierarquia social bem definida e uma simplicidade e pobreza de meios.

Em *Os Flagelados do Vento Leste* (FVL)³⁹ estamos face a uma sociedade tipicamente agrícola em que as actividades ligadas à terra são determinantes, sendo apenas referidas, de forma marginal, as actividades comerciais ou marítimas, situando-as no Porto Novo e não em Terraneira.

Os processos rotineiros, a pobreza dos solos, a secura do clima e a irregularidade das chuvas são as grandes dificuldades da agricultura cabo-verdiana, que é fundamentalmente de subsistência. Sendo o milho a principal cultura, assume um valor simbólico acompanhando o cabo-verdiano em todas as cerimónias ligadas ao ciclo da vida e da morte (cf. sub - Capítulo 3.4 Religião, Sacralidade e Mistérios). Mas outras culturas são referidas na obra, nomeadamente a purgueira, oleaginosa introduzida em Cabo Verde no século XVI, vinda das terras secas do Ceará. Várias são as suas utilizações, de acordo com

³⁸MANUEL LOPES, “Considerações sobre as personagens de ficção e seus modelos”, artigo compilado por MARIE - CHRISTINE HANRAS, *op. cit.*, p.379

FVL: para atear o lume “ José da Cruz colocou o troço de purgueira entre as três pedras depois de raspar a cinza para o lado” (p. 39), para afugentar os corvos “Jô corria para essa banda batendo o troço de purgueira no tampão da lata de petróleo” (p. 50), para iluminar, “Zepa acendeu o cangabaixo – sementes de purgueira enfiadas num espeto – introduziu a extremidade num interstício da parede.” (p. 95), mas também para fabricar sabão e para fins farmacêuticos.

O cultivo das terras organiza-se segundo um sistema de parceria, que remonta ao regime feudal: Jaime Álvaro é o proprietário da terra onde José da Cruz trabalha, como meeiro, isto é, contribui com o seu trabalho e metade da produção pertence ao dono das terras.

“Às vezes Nhô Jaime Álvaro, da Ribeira das Patas, dono de parte das terras que José da Cruz trabalhava a meias, vinha a uma vista de olhos aos seus domínios – possuía outras trinchas importantes no Cidrão – ou mandava o filho.” (p. 44).

A pastorícia, actividade complementar à agricultura, tem também aqui um papel relevante, uma vez que esta é a ocupação de Leandro, filho de José da Cruz. O património pecuário é originário da Europa, essencialmente de Portugal, referindo-se na obra o gado bovino e caprino.

As personagens principais de FVL participam, assim, de valores identificáveis com aqueles que viveram as milenares sociedades agrícolas, todas elas dependendo directamente da terra e da actividade agrícola em que os valores de uso primam sobre os de troca; trata-se do mundo próprio ao camponês que persiste ainda hoje em sociedades periféricas, longe dos centros urbanos e industrializados.

Característico deste tipo de sociedade é, igualmente, a criação de animais junto à porta, actividade muito importante para a economia familiar; a galinha, a cabra e o porco são uma companhia permanente, constituindo um factor importante para a sobrevivência alimentar.

O pagamento de serviços e bens não de forma pecuniária, mas com uma permuta, nomeadamente, de trabalho por milho ou sal ou de milho por peixe seco, constitui também um traço singular desta cultura:

“Salta-Pedra desceu do seu casebre (...) para se oferecer a troco de milho” (p.24);

“Por ocasião das colheitas, a troca de milho por peixe seco, do norte ao Tarrafal, tornava-se um negócio rendoso” (p. 41);

“[Leandro] Levou o buli de água e um surrão com dez litros de milho e um punhado de sal que lhe dera Nhô André em paga dos trabalhos realizados”(p. 118).

Uma outra característica deste tipo de sociedade rural tradicional é o trabalho comunitário, as relações de solidariedade: os “compadres” ajudam-se na sementeira em pó, como no restauro do melador⁴⁰; trata-se da tradição do “junta-mon”:

“Manuelinho deixou o Curralete, atravessou o Ribeiro Seco e incorporou-se, com o João Felícia, nos trabalhos do vizinho (p. 24).

Outras ocupações são secundárias, tal como o estatuto das personagens que as representam: Maria Alice e Miguel Alves tipificam a pequena burguesia do arquipélago. A primeira é professora do Mindelo, tendo sido nomeada para uma escola do campo, em S. Antão. É considerada uma pessoa importante, com alguns privilégios como a ajuda em casa (nha Gaída), mas a sua sorte não é, de todo, invejável: vive isolada, longe da família, numa escola (que é também a sua casa) paupérrima e atormentada com a miséria dos seus alunos, sofrendo, ela própria, a fome.

Miguel Alves é funcionário no Mindelo e deseja adquirir uma propriedade na Ribeira das Patas. Alheado da condição miserável dos camponeses, vive a desilusão da sua fantasia com a professora Maria Alice, e ignora o infortúnio dos homens da terra. Esta atitude de desprezo pelos mais desfavorecidos poderá indiciar uma crítica a todos aqueles que fingem que não há sofrimento no mundo:

“Quase odiou esses dois esqueletos que se afastavam. Surgiam, assim, no meio das suas fantasias. Essa brutal intromissão da realidade mostrava, por momentos, a inconsciência dos seus sonhos” (p. 222).

O conflito social está, pois, subjacente à obra, não constituindo um primeiro plano: apenas se depreende o abandono a que são votados os camponeses por parte dos senhores das terras e a quase nula intervenção do Estado, à excepção das Obras Públicas em socorro dos flagelados, pois “Morte de povo não é sentida”, denuncia Maria Alice. Só uma carta desta é mais contundente na crítica: em casa dos grandes senhores não acaba o milho, mas também eles são enganados pelos comerciantes desonestos doutras partes da ilha ou de S. Vicente que “por umas quantas jardas de chita e algum garrafão de aguardente e uns patacos, levam navios cheios de milho debulhado, ou burros ajoujados de sacos” (p. 130), e ainda roubam na quantidade de fazenda, pois é comprada em São Vicente a metro e vendida em Santo Antão a jarda, que equivale a menos doze centímetros e quase pelo dobro do preço.

Outro grupo de personagens pouco presente na obra são os representantes da ordem pública: o chefe de posto apenas intervém no episódio da descida de Leandro ao povoado, e já bastante tarde, pois

⁴⁰ Vide glossário (anexo 2) para esta e outras designações próprias de Cabo – Verde na obra.

deu tempo à população de quase o lincharem, e o regedor a quem tem de prestar contas, é apenas referido. Significativo o facto desta quase inexistência da autoridade, pois, ao tempo, Cabo Verde era uma colónia de Portugal, e esta ausência parece-nos bem expressiva de uma atitude de independência, diríamos de desprezo ou indiferença perante o outro, que é estrangeiro, e por isso, estranho.

Outra ausência é a de autoridades religiosas, não há padres, nem Igreja em FVL. E a única, muito breve referência, a pessoal médico é ao enfermeiro que tratou Leandro no Porto Novo.

A **distribuição do trabalho** constitui um dado de cultura, pois revela toda uma estrutura social baseada em princípios e valores ancestrais.

Enquanto sociedade agrícola muito próxima da terra, as tarefas distribuem-se entre homens, mulheres e crianças, de modo bem definido e próprio das sociedades patriarcais. Aos homens, chefes de família, cabe proteger e providenciar o sustento da família, para isso cultivam os campos, levantam muros, reparam estragos no melador, calafetam telhados... é isso que se espera deles, como refere Zepa:

“ Junto dela estava um homem de bom sentido que só magicava na maneira de endireitar a vida, garantir o milho para aquelas bocas. E Zepa pensou que a vida era uma só, e era isto: arranjar jeito, garantir a cachupa para aquelas bocas”(p. 71).

Às crianças é confiado o trato dos animais e tarefas simples como calafetar o curral, mas a sua principal ocupação é a guarda dos corvos, um trabalho duro, detestado, mas não contestado, pois o valor da disciplina prevalece nestas sociedades. Esta é uma “tarefa de meninos”, por isso Mochinho não a aprecia, pois não quer ser tratado como tal:

“ Se Mochinho não gostava da guarda aos corvos por considerá-la ocupação de menino, ofício de quem não tem préstimo para mais nada, Leia e Jô odiavam-na por ser aborrecida e penosa” (p. 51).

A guarda dos corvos é, antes de mais, um trabalho de vigilância, daí a reiteração da expressão “nos seus postos”, e o seu ritual, já conhecido dos velhos Bicente e Bicenta, antigos moradores que ali viviam desde o tempo do primeiro casamento de José da Cruz, consistia no chocalhar de latas, estalar de fundas e rogar pragas e esconjuros.

Ao mais velho dos três irmãos, porém, começam a ser confiadas tarefas de adulto: “Mondava e cavava como qualquer moço criado”(p. 51) e ajuda na reconstrução do melador.

A pequena enxada, instrumento agrícola mais usado, em virtude do relevo e dos fortes declives, é pertença do mais velho, como estabelecido, e é enfiada no cinto de carrapato, mas o narrador abre para

duas interpretações sobre esta peça de vestuário: por um lado constitui um símbolo de emancipação, de passagem de menino para homem, por outro, “ o começo da escravização do menino pela terra, sob o disfarce tentador da responsabilidade de homem [...]. Porque infância de menino de campo é isto: trocar as mamas da mãe pelo cabo da enxada do pai” (p. 52).

Às mulheres cabe a preparação das refeições, os mandados da casa, a recolha de água para beber e regar e o trato dos animais.

A sementeira tem um papel vital, e toda a família se reúne para este trabalho: o pai à frente a preparar a cova; Mochinho atrás com enxada e de seguida a mãe e os filhos mais novos a lançar as sementes e a cobri-las, numa clara associação ao processo de gestação, por fim os petizes colocam uma pedra em cima de cada cova para as proteger dos corvos.

Os hábitos alimentares configuram, de novo, um tipo de sociedade rural muito próxima da terra; de entre as espécies vegetais introduzidas no arquipélago com o intuito de ali permitir a fixação de gentes e animais domésticos, sobressai o milho, que, como se refere em FVL, é confeccionado não só na cachupa, como também assado e cozido, e ingerido ainda sob a forma de milho-leite e papa de milho verde, tornando-se, até a actualidade, a base da alimentação cabo-verdiana, juntamente com o feijão, a mandioca e a batata-doce.

Pela manhã a família de José da Cruz come uma racha de batata assada fria ou bolo de camoca com meia caneca de leite, às vezes um prato de cachupa guisada e, mais raramente café de ervilha-congo com mel (ó para as crianças) e cuscuz. Ao almoço, papa-rolão com soro de leite e à noite um caldo de cachupa. Este prato típico sofria grandes restrições aquando das crises: “ um litro de milho, que devia sobejar para o guisado do dia seguinte, uma mãozinha de feijão, uns picadinhos de cebola, e uma medida magra de banha – tal era a composição da cachupa da família.”(p. 93).

A potona e a fedegosa, plantas silvestres mais apropriadas para animais, constituem alimento também para o homem, para enganar a fome. Quanto às bebidas, para além do leite e café de ervilha-congo, já referidas, surge destacado o grogue, “mata-calor”, “cana alambicada” que “tira canseira” e anima o espírito.

As peças de **vestuário** características, bem como os materiais de confecção traçam, igualmente, o retrato das gentes de Santo Antão. As mulheres casadas e Aninhas, já idosa, vestem mandrião, saia arrastadeira e usam lenço atado à cabeça:

“ Como a Concha, ela usava, também, mandrião e saia arrastadeira. O seu lenço, de um cor de rosa desbotado, rematava com um lacinho no cocuruto da cabeça” (p. 22).

Quando Leandro encontrou Libânia, jovem solteira, esta usava saia e “ blusa preta de pingos brancos, com mangas, e em bom estado, e não trazia nem lenço nem nenhum agasalho. Tinha a tiracolo uma sarraia vazia e, suspenso da cintura por um barbante, um buli sem água. Nos pés trazia alpercatas de pneu de automóvel atadas com tira de cabedal.”(p. 177).

Quanto ao sexo masculino, as calças compridas, bem como o cinto de carrapato e a bainha de cabedal para a faca distinguem o homem da criança, constituindo-se como insígnia de um estatuto de emancipação e responsabilidade que os mais novos não têm.

Os materiais são o dril azul, o cotim ou o vichi, materiais pobres, importados, os mais acessíveis do comércio local, por vezes objecto de troca e não de compra.

Miguel Alves, representante de outro estrato social, usa capacete de cotim e botarrões de atanado, polainas e calças de caqui.

Como **espaços habitacionais**, conhecemos em FVL, a casa pobre do camponês, com quarto de dormir e uma cozinha, onde se come e se preparam alimentos sobre uma trempe. Como objectos de cozinha refere-se a gamela de figueira brava onde se serve a cachupa, as canequinhas de capstan para servir o café e o leite e a colher. Note-se como o uso exclusivo de colher era considerado um luxo, um privilégio para homens e visitas “ Uma colher de folha era utilizada por ela [Zepa] e os filhos, que a passavam de mão em mão a cada colherada. José da Cruz tinha um colherão para ele só. As outras duas, uma também de folha, novinha, e outra de alumínio estavam guardadas na caixa para as visitas” (p. 44).

Para além da casa, temos a referência ao funco, a uns passos da casa, o tambaque para armazenar e, para os animais, o curral. Os mochos são usados no interior e trazidos para a porta das casas, girando em busca da sombra.

Os filhos de José da Cruz dormem em tarimbas e o casal no esteirado, que, feito de cariço, serve igualmente como divisória, mas a professora Maria Alice dorme no catre. A iluminação provém do cangabaixo, o qual, como já referimos, é construído a partir de sementes de purgueira.

O pilão é várias vezes referido na sua função de pisar o milho, mas também como banco do terreiro e é um dos poucos objectos que os flagelados transportam consigo no êxodo em direcção aos trabalhos das Obras Públicas, o que evidencia a sua centralidade e importância na forma cabo-verdiana de subsistir.

O tear é ambulante, pertença de Nhô Silvestre que presta os seus serviços de aldeia em aldeia. Com ele se fazem as mantas. (p. 97).

Como materiais de construção, José da Cruz lamenta a falta de cimento, e refere-se o uso da palha para cobrir, a cal do forno, a cinza e os arrifes de Santa Bárbara. Com a função de combustível é também mencionada a bosta que é transportada num saco por uma mulher (cf. p. 249).

O canhoto é fumado pelo homem, mas também pela mulher, embora mais pequeno “canhotinho” e não aceite socialmente em frente de estranhos, como podemos verificar aquando da visita de Miguel Alves.

Para transporte de comida e outros bens, surge-nos, ainda, o surrão, utilizado pelos pastores e o balaio pelas mulheres.

As relações de solidariedade próprias do mundo rural estendem-se também à partilha da alegria e da esperança como se documenta nos serões do terreiro de nhô Manuelinho em que domina a **música** num ambiente festivo:

“ Nos dias de contentamento, [Nhô Manuelinho] virava o pilão no terreiro, sentava-se, e as cordas da sua viola enchiam aqueles campos de sons estridentes e alegres “ (p. 21).

Para além da viola, a rabeça surge também como instrumento das ilhas:

“ É ele e compadre Lourenço da Ribeiras das Patas com a sua rabeça. Já vi os dois a tocar juntos, por volta de quatro horas de madrugada. Não saem do compasso, a remar de sono cada um pra seu lado.” (p.54,55).

No início de Outubro, os optimistas festejam de novo no terreiro da casa de Nhô Manuelinho, além dos sons de viola e cantiga, também as histórias (com sua formulação inicial e final) e adivinhas, características da tradição oral, são lembradas:

“Depois vieram zunzuns de vozes, risadinhas, talvez estivessem contando histórias engraçadas ou dizendo adivinhas – “ história, história” – “fortuna do céu, amén” (p. 68).

Porém, a grande festa aqui evocada, para lamentar a sua não realização em tempo de crise, é a Festa de Santo André casamenteiro, no norte de Santo Antão:

“ [...] roncam tambores nos terreiros, é uma tal trabuzana! Tocam violas e rabeças nos quartinhos térreos e nas casas assoalhadas.”(p. 122).

Escutam-se os cantares das raparigas, que também dançam e fazem baixão e todos acorrem a ouvir Serafim Jon, cantador de mornas. A dança é ao som da morna como da contradança, os homens bebem grogue “seca-calor”, as mulheres bebem leite, embora o costume seja, por vezes, alterado porque “...tem moças que metem grogue no corpo coma homem” (p. 123) e come-se milho preparado dos mais diversos modos.

3.4 Religião / Sacralidade/Mistérios

Em FVL situamo-nos numa era pré-industrial, próxima do primitivo e do sagrado em que é profundo o respeito pela terra-mãe e dela apenas se pede solidariedade, cooperação e equilíbrio para que a vida possa continuar. A religiosidade funda-se, antes de mais, na fé na natureza, sendo a chuva a salvação, como confirma a voz do narrador onisciente:

“ A chuva era um símbolo de fé. Crer nela ou não crer nela, a enviada de Nosso Senhor. Entre esta e a escuridão, entre a coragem e o pânico, o povo escolhia a coragem e a fé porque eram tocadas pela luzinha da esperança”(p. 15).

Confronte-se esta esperança no advento da chuva com a simbologia deste elemento natural, por Mircea Eliade “As águas simbolizam a soma universal das virtualidades; elas são *fons et origo*, o reservatório de todas as possibilidades da existência; elas precedem toda a forma e suportam toda a criação.”⁴¹

Ainda segundo este estudioso, como já referimos, para este tipo social e humano, a Natureza está sempre carregada de um valor religioso. Podemos verificá-lo na personagem de José da Cruz que recebeu dois sinais indicando-lhe o momento da sementeira: o tempo, a natureza, interpretada através dos sentidos da visão, olfacto e tacto e um sonho, aviso de dentro: ” Um anjo a descer do céu pra terra, montado numa nuvem [...] o anjo trazia um balde d’água nas mãos”(p.19).

Como notaremos, elementos da religião católica (anjo) e elementos de uma religião natural unem-se num sincretismo revelador:

“ – Compadre, eu por mim tomo o sonho desta manhana como um aviso que vem dar força aos outros avisos que tenho tido. Às vezes sinto o tempo falar na pele do meu corpo”(p. 19).

⁴¹ MIRCEA ELIADE, op.cit., p.105

Não há qualquer cerimónia religiosa ou representante da Igreja; os mortos, vítimas da seca, são enterrados num buraco perto de casa, comparando-se o acto à plantação de uma árvore, como se se tratasse de um regresso à terra-mãe:

“ Fez uma cova funda ao lado da casa, como se fosse a plantar uma árvore, naquele mesmo lugar onde , no ano passado, quisera meter uma mangueira , e enterrou o filho” (p.148).

As campas são encimadas por cruces, símbolo cristão, mas as crenças do povo, herança ancestral, estão presentes no pequeno ritual de Leandro junto dos seus familiares mortos:

“...trouxe um punhado de milho que espalhou sobre a cova grande. Meteu a mão mais três vezes no surrão, e espalhou, sobre as covas pequenas, três outros punhados de milho. Depois ajoelhou-se diante dos quatro mortos familiares...” (p.203).

As calamidades naturais “são moléstias que Deus manda”(p. 76), mas à ideia de Deus presente na natureza associa-se a credence em pragas, agoiros e almas do outro mundo: há quem diga que os gafanhotos “foi praga que um padre deitou”e as quebradas nocturnas são de mau agoiro e quando duas raparigas são atacadas por um mascarado acompanhado de um cachorro, diz-se que desapareceram ambos “diante dos seus olhos como se fossem almas do outro mundo, ao meio-dia em ponto, hora em que as feiticeiras penteiam os emaranhados dos cabelos”(p. 118).

Aninhas é considerada uma bruxa e quando é assassinada por Leandro, este assusta-se pois tem medo “do espírito da velha, e dos espíritos maus que acompanharam a bruxa durante a vida”(p. 158); teme que o espírito dela “aquele espírito eriçado de espinhas venenosas” (p. 157) tenha entrado nele e, já aterrorizado “teve a impressão de que a terra abria uma grande bocarra para o engolir. Era assim que as bruxas se vingavam” (p. 158).

E a superstição vive para lá da sua morte, o local onde ela foi morta é amaldiçoado e o homem que acompanha Leandro diz, de forma muito significativa:

“ – Muita gente deixou de passar neste caminho [...] Não é só por causa do cheiro. Dizem que ela aparece de madrugada, de riba destas paredinhas, a berrar como uma cabra e com as mãos no pescoço assim como quando a gente tem falta de ar. Outros dizem que ela anda a passear no seu terreiro pra um lado e pra outro e a dizer «malvado! malvado!» Eu nunca vi coisa ruim na vida , e por isso não acredito nas bazofarias deste povo. Mas não deixa de ser impressão” (p. 206, 207).

Para concluir, podemos dizer que este sincretismo religioso associa rituais que derivam de uma sacralização da natureza, da religião católica e admite, ainda, a existência de bruxas e respectivas práticas como bem sintetiza esta fala:

“- Aquela mulher é feiticeira – confidenciou ele [o guia de Miguel Alves]. Esqueci de fazer o pelo-sinal-de-santa-cruz quando passei à sua porta” (p. 73).

3.5 Homem/ Natureza/ Destino

“Homem em falta é diferente de homem na fartura”
(p.130)

Em FVL os homens são criaturas telúricas “ Havia neles qualquer coisa de terroso, como se fossem raízes arrancadas à terra. Raízes insepultas que Deus, com toques de varinha mágica, tivesse transformado em homem, mulher e filhos...” (p.78,79).

A terra, sustentáculo de vida, reflecte-se no carácter e costumes dos homens, insinua-se no corpo e corre no sangue. Este sentimento de identificação projecta-os num apego, numa fidelidade à terra-mãe, que em FVL é fatal; qual Anteus, é na terra que alimentam o corpo e o ânimo, esse contacto dá-lhes segurança e abre-lhes um caminho:

“Aspirou o ar, impregnado de um cheiro gordo e bom a terra saturada. Sentiu-o penetrar-lhe o sangue como uma comida substancial entrando num estômago faminto. Não havia para ele melhor perfume que este; o cheiro a suor da terra, que penetrava o corpo e o espírito do homem, alimentava-lhe os músculos dos braços e a vontade de viver, e abria-lhe uma certeza e um caminho” (p.34).

O ilhéu surge como um homem isolado, silencioso, apreensível, envergonhado da sua situação com a “expressão fechada”, norteados pela ansiedade, o medo, mas também a persistência, a esperança e a coragem, sentimentos ancestrais, uma vez que “Já estavam habituados. Vinha de trás, de longe, esta luta”(p.14).

Ainda no plural, caracterizando o homem cabo-verdiano, o narrador identifica-o com a esperança “Esperança sempre...” é esta a resposta de José da Cruz que esperou até para lá do último momento, mas há outras respostas diferentes, porque cada criatura tem “um pensar diferente”, “ cada homem tem o seu tino” e “cada um agia segundo o impulso do seu coração”.

Na verdade, podemos dizer que há várias “castas” de homens, “ cada um dava de si na sua hora, revelando a sua verdadeira natureza, a sua têmpera”. Logo no in cio da narrativa é-nos fornecida uma tipologia de personagens – gentes de Santo Antão: os ladrões, os de “má-raça” como Salta-Pedra, que assaltam os quintais; os vagabundos e pastores que se abrigam nas montanhas e se tornam “mascarados”, como Leandro; os intrometidos, mensageiros das desgraças, como a viúva Aninhas, velha bruxa, arauto de maus agouros; os sem coragem, que descreiam e tinham medo e, finalmente, os corajosos e voluntariosos, como Manuelinho, João Felícia e José da Cruz. Este grupo caracteriza-se por uma mesma filosofia de vida: fidelidade à terra, entrega incondicional ao trabalho, tenacidade e solidariedade.

Face ao inimigo, há diferentes respostas, e o inimigo, aqui, não são os homens, não são os donos das terras; a “luta braba”   entre o Homem e a Natureza/ Deus. Através do monólogo interior de Zepa (p. 103), sabemos que o vento é mais forte, Miguel Alves é um inimigo porque representa o poder, o proprietário, mas o vento derruba-o, o vento tudo derruba, ele constitui a verdadeira ameaça,   contra ele a luta.

Os adversários desta família e de todo o cabo-verdiano, afinal, são as forças da natureza, os desígnios de Deus. Num discurso doutrinário, o narrador sintetiza de forma magistral a luta que está em causa em FVL:

“ Era a luta. A luta braba que começava. Contra os elementos negativos. Contra os inimigos do homem. A luta silenciosa, de vida ou de morte. Introduzia-se primeiro no entendimento. Depois entrava no sangue e no peito. O homem tornava-se a força contrária às forças da natureza. **Por um mandato de Deus, o homem lutava contra os próprios desígnios de Deus.** Dava toda a vontade e a sua força. Não podia fazer mais nada. O que está acima da força do homem não pertence aos seus domínios. O homem tinha uma medida. Chuva, vento e sol estavam fora dessa medida, e o homem não se podia incriminar pelo que sucedia fora da sua medida. **Os desígnios de Deus eram superiores à vontade dos homens, mas o dever do homem era lutar mesmo contra esses desígnios.**” (p. 96, sublinhado nosso).

Deus, sob a forma de Destino conduz o homem   luta contra Ele aqui representado pelas forças físicas da natureza – será esse o erro, a ousadia? Aquele não é um lugar para os homens, os cabo-verdianos ousaram viver num território absolutamente inóspito ao homem, e o castigo, a condena o,   sofrer as calamidades infligidas pelo meio físico. (cf. o que referimos a propósito da resistência   coloniza o no sub – capítulo 3.2. deste trabalho). Ironicamente, é nesse mesmo Deus que depositam a fé “Deus d  remédio para tudo”.

José da Cruz tem sido considerado o Sísifo cabo-verdiano (cf. António Cândido Franco, *Exercício sobre o imaginário cabo-verdiano*; Maria Luísa Baptista, *Vertentes da insularidade na novelística de Manuel Lopes* e o próprio autor, no prefácio), símbolo de um esforço tenaz mas inglório; uma perseverança absoluta mas sem frutos, uma esperança firme, mas não cumprida. Nas palavras de António Cândido Franco:

“O sísifo das ilhas é aquele que, mesmo frente à ingratidão brutal do seu trabalho, recusa a partida em nome duma fidelidade à terra, que ele sabe, porém, votada ao fracasso. É esse o seu esforço inútil e absurdo.”⁴²

Como Sísifo, o homem cabo-verdiano, moldado pela tensão cósmica entre a chuva e a seca, a fome e a colheita, avança e retrocede, vence e é vencido. Esta tensão esperança/desespero, tenacidade/desânimo constitui uma herança secular:

“a esperança nas águas e o temor da estiagem faziam parte dum hábito secular transmitido de geração a geração. Todos os anos era assim” (p.15).

Moldado por um destino implacável, as decisões do homem são antes, por trágica ironia, meios da sua própria condenação. As opções de conduta são formas de iludir uma liberdade de actuação: a sementeira em pó, a não remoção da rocha para poupar o socalco e as culturas, a obstinação em ficar voltam-se tragicamente contra quem presume julgar e agir.

No estudo da obra de Manuel Lopes, Marie-Christine Hanras distingue três tipos de personagens : os enraizados, os evasioneiros e os renovadores. Concluímos com a autora que o mais patético dos enraizados é José da Cruz que luta até ao fim contra a seca, arrastando o seu destino absurdo não apenas até ao limite da esperança, mas até ao limite da própria existência: “ Esperavam sempre: até o último momento. Até mesmo para lá do último momento” (p. 15).

O dilema partir-ficar tão característico da literatura cabo-verdiana e de Manuel Lopes em particular, situa-se, aqui, não ao nível da opção entre ficar nas ilhas ou partir rumo ao “El dorado”, a convite do mar (cf. *Chuva Braba*), mas, sim de uma migração dos campos de Terranegra (interior da ilha de Santo Antão) para os locais onde se desenvolve a construção de estradas, obras públicas de socorro aos flagelados por força da impiedosa prepotência dos elementos. Contudo, esta não deixa de ser uma forma de evasão, embora forçada, pois ficar é morrer; João Felícia, Manuelinho e João da Cruz só partem quando já lhes morreram familiares:

⁴²ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO, *Exercício Sobre o Imaginário Cabo-Verdiano (Simbologia telúrico-marítima na obra de Manuel Lopes*, Évora, Pendor, 1996, p. 62

“ Foi sem mulher, sem filhos, sem pilão nem esteira nem nada, na mais completa penúria e na solidão mais negra que o velho meeiro das terras do Jaime Álvaro se arrastou, durante dois dias e meio, até aos trabalhos da estrada” (p. 176).

Como interpretar esta obstinação? Heroicidade? Loucura? Fé ou insanidade? No número 3 da revista *Clareza*, é o próprio Manuel Lopes que afirma: “ a luta entre o cabo-verdiano e a natureza é heróica. Porque há que lutar de qualquer maneira para a conservação da espécie.”⁴³

De facto é isso que se espera de José da Cruz, que esteja sempre no seu posto:

“ Para José da Cruz, todo aquele que passava esse caminho com a família atrás, de cara virada para as montanhas, estragava o rumo da vida. **Cada homem tem o seu destino marcado**, comentava. Ele fora hoje com a cabrinha a vender mas voltaria ao seu posto. **O posto de cada um era lá onde assentara os frechais do tecto e armara as três pedras do fogareiro, e cozinhava a cachupa do dia-a-dia. Soltar os pés por esse mundo de Cristo, à toa, era perder a raiz e a marca do seu destino.** “ (p. 125, sublinhados nossos)

Se terra e homem formam um todo, o afastamento desse espaço sagrado equivale à desintegração da unidade, com a partida morre a terra e morre o homem. José da Cruz acabará por morrer de desenraizamento, tomba abraçado a uma árvore que com ele cai também; esta morte constitui, assim, uma alegoria da sua própria existência: ama aquilo que o mata.

Mas com a sua obstinação condenou toda a família, e isso é censurável, como Nhô Lourencinho acusa “ Para as caldeiras do Inferno, os homens que não sabem perder” (p. 189). Contudo, esta perseverança tem algo de heróico e de louvar, por isso o mesmo companheiro termina a frase “... mas, apesar de tudo eu queria ter duas centenas de homens como tu nesta terra. Não na guerra, mas na paz e no trabalho” (p. 189).

A sua teimosia e vigor aproximam-no de um herói trágico, a sementeira em pó é expressão dessa fé inabalável, e já em Novembro, com a certeza da lestada, diz para a mulher, “ Amanhã meto a picareta até rocha viva. Não deixo a nascente secar” (p.96).

Sobre o corpo moribundo do filho mais novo e de tantos outros cadáveres entre a população vizinha, confirma dramaticamente o seu destino sisifiano:

⁴³ *Apud* ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO, op.cit.,p. 86

“ Digam o que disserem - afirmou José da Cruz de si para si – pensem o que pensarem **eu daqui não saio**. Nem dado de vidro. Nem posto lume. Nem que viesse soldado com espingarda e baioneta. Não largo a orela de minha casa” (p. 120, sublinhado nosso), para depois reafirmar a sua fé absoluta. “ O tempo ainda vai virar. Eu digo ocês. O tempo vai virar. Ocês caminharam todos um a um. Só fiquei eu e a família. Ocês vão ver o tempo virar” (*idem, ibidem*).

José da Cruz paga com a sua vida e com a da família a fidelidade e a confiança que depositou na natureza, ao potenciar a morte da mulher e filhos, comete o erro trágico, o crime, e por ele será punido.

António Cândido Franco, na obra citada, defende a tese de que a história de Leandro parece querer redimir a derrota de José da Cruz, tornando-a aparente, uma vez que o filho no ventre de Libânia constitui uma mensagem de esperança e renovação, a vitória da vida humana sobre as forças da natureza, renascendo continuamente. Por outras palavras, a *via crucis* de José da Cruz (iniciais de Jesus Cristo) seria resgatada pela ascensão do seu filho representada na subida à Montanha (simbolicamente mais próxima da terra e do céu) e na ressurreição, na figura da criança a nascer. Este filho constituiria, assim, metonimicamente, um sinal de renovação cósmica; ao renovar-se o homem, renova-se a natureza, no ciclo anual de regeneração.

Esta constitui uma leitura possível, contudo o texto abre-se a outras interpretações e parece-nos demasiado idealizada a representação de um final feliz consubstanciado na renovação através de um filho.

Primeiramente porque a gravidez de Libânia é apenas indiciada e não confirmada e, a confirmar-se, quem vai ser o pai daquele filho? Leandro, filho de José da Cruz, morreu, presume-se que será, então, criado pelo homem que o havia atacado e que aparece na companhia de Libânia. Em vez de continuidade, por força das circunstâncias, esta criança será filho de outro, o que representa um corte.

Parece-nos, pois, mais significativa a interpretação de um absurdo trágico que aniquila pai e filho, embora tenham escolhido caminhos diferentes, uma vez que “ cada um tinha razão levando a vida consoante a criação da sua alma” (p. 165).

José da Cruz e Leandro configuram duas castas, duas concepções do mundo e da vida, mas não há certo ou errado no jogo desumano em que o Absurdo, a Esperança e a Morte travam o seu diálogo, é preciso é manter a dignidade, como diz Nhô Lourencinho:

“ Soldado que perde a batalha, nem por isso fica desonrado [...] A não ser se perdeu a dignidade” (p. 231).

Deste modo imaginamos, com Camus, Sísifo feliz: no absurdo do seu fixamento (pai) ou da sua caminhada (filho), ambos morrem, mas fazem jus à sua alma, aos seus princípios.

José da Cruz, já com um filho morto e na miséria absoluta, vendidos todos os bens, de casa vazia, é ainda um homem digno que recusa receber alimentos do seu filho Leandro porque suspeita que são roubados. Apesar do adensar das circunstâncias fatais (triade perfeita: seca, gafanhotos e lestadada), parece não haver em José da Cruz qualquer sentimento de revolta “ porque ninguém se revolta contra o destino; o destino é um enviado de Deus e, nessa qualidade, representava Deus nas decisões que tomava, nos caminhos que traçava para os homens” (p. 131, 132).

Embora se resigne às determinações que vêm de cima, o homem não deixa de se interrogar:

” Fiz bem o que fiz? Que devo fazer agora para, sem sair fora do caminho traçado pelo destino, fazer o melhor que devo fazer”(p. 132).

E é neste momento de paragem, de reflexão que advém a consciência do absurdo; do outro lado há o silêncio, não há voz que possa responder com certeza, resta a fé:

“ Mas com fé ou sem fé cada um tem de cumprir a sua obrigação nesta vida. Procurar fazer o melhor para sossego do espírito e paz da consciência. **Quando se faz uma coisa para sossego do espírito e paz da consciência, não faz mal que tenha sido o pior, porque foi assim a vontade Deus.** Quem andou direito com a sua consciência andou direito mesmo, já que não pode ver as coisas doutra maneira”(p. 145 sublinhado nosso).

Nas palavras de seu filho que o julga morto, José da Cruz terá “sucumbido ao seu destino de homem honesto, agarrado às suas crenças, aos seus hábitos de dono da sua casa, ao amor da sua gente e do chão que pisava desde longa data. A vida apagara-se-lhe à sombra da ruína das suas esperanças”(p. 203).

Mas na perspectiva de Leandro “Este mundo não fora feito para quem se agarrava demasiado aos hábitos da vida, para quem criava amor às suas coisas” (p. 203).

Leandro e Libânia são duas personagens que se opõem a seus pais: para eles a sobrevivência admite o roubo, o que não é aceite pelos valores morais dos progenitores. Leandro é o homem solitário, vive numa gruta, o útero da terra, o protector ventre materno, em harmonia com o cosmos, o mundo anímico das pedras e dos animais, afastado dos homens, das suas leis e princípios morais; a sobrevivência na montanha legítima o roubo, ela é sua companheira, sua cúmplice. Anti-social não só pelo isolamento, como pela conduta, e fisicamente através da cicatriz que o condena e estigmatiza, é pelo amor que se

solidariza com o mundo dos homens e que vislumbra a salvação, mas é também por ele que encontra a morte quando desce à vila e quase é linchado, ironicamente acusado de um crime que não cometeu. Todavia, é na gruta que vai perecer, regressando, assim, ao ventre materno.

A vida continua mesmo sem o filho de Leandro e Libânia, ela continua porque é da sua natureza continuar, renovando-se ciclicamente; enterram-se os mortos (com respeito, como exige Libânia afastando as canhotas, qual Antígona) e a vida prossegue.

Se lermos o texto, se o interrogarmos com atenção e cuidado, ele dá-nos as respostas:

“ Deus experimenta os homens, numa coisa ou noutra, e cada um que não perdeu a alma, não perdeu a dignidade perante Deus. E batalha com Deus dá mais dignidade do que batalha com homens...” (p 231).

Podemos, assim, concluir que Sísifo encontra a sua própria felicidade, não aquela da qual nada se pode contar pela sua “brancura”, mas a outra “negra” como o destino. E se Schopenhauer faz o elogio do suicídio diante de uma mesa guarnecida, Manuel Lopes em *Os Flagelados do Vento Leste* faz o elogio da vida diante do nada; João da Cruz, tal como Sísifo, é superior ao seu destino, na sua luta, na sua resistência absurda, é mais forte do que ele.

3.6 Linguagem

Segundo Manuel Veiga⁴⁴, “Em Cabo Verde, se há algo que melhor exprime a essência e os contornos da criouldade, que é marca e suporte insubstituível da identidade do nosso povo [...] é o crioulo” e é Baltasar Lopes que nos confirma “[...] são as línguas, os mais seguros e dos mais duradouros documentos da acção dos homens através dos tempos e através do espaço.”⁴⁵.

Contudo, o estudo que este autor faz do crioulo em 1957 (data da 1ª edição de *O Dialecto de Cabo Verde*) enforma, ainda de uma perspectiva dialectológica, como bem denuncia Dulce Pereira⁴⁶. Esta estudiosa aponta as consequências perniciosas desta perspectiva, uma vez que do ponto de vista

⁴⁴MANUEL VEIGA, “Prefácio” in Eduardo Augusto Cardoso, *O crioulo da ilha de S. Nicolau de Cabo Verde*, 1ª edição, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Instituto Caboverdiano do Livro 1990

⁴⁵ BALTASAR LOPES SILVA, *O Dialecto crioulo de Cabo Verde*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984, p. 17

⁴⁶ DULCE PEREIRA, *Crioulos de base portuguesa*. Col. O Essencial sobre Língua Portuguesa, coord.por M.H. Mateus e A. Villalva, Lisboa, Caminho, 2006.

sociológico este desprestígio favorece a assimilação de estruturas e formas lexicais mais próximas da língua de contacto (neste caso, o português), o que faculta um indesejável processo de descrioulização. Do ponto de vista metalinguístico este entendimento do crioulo como dialecto conduz a estudos que tendem a evidenciar as diferenças, os desvios, em relação à língua que lhes deu origem, em detrimento da compreensão das suas regularidades e características.

Deste vício enforma o estudo de Marie – Christine Hanras (op.cit), ao identificar algumas marcas do crioulo em FVL. De facto, algumas particularidades morfossintácticas apontadas no estudo surgem muito mais como a descrição do que não são em relação ao português, do que a forma como são: Vejamos:

Deformação da sílaba final: viraja (virajem); familia ; braba (brava); dianho (diabo)

Emprego de tem por há: isso foi tem três semanas

Ausência de acordo : onde tá comadre Zepa e compadre Isé?; duas vez

Elipses do artigo, preposições: Vamos começar trabalho; ocê dá este mocinho seu bocado

Apóstrofes: “cand’ é qu’ocê; nes’hora; dond’ é; cós’ é?”

Contrações : prá; donde; plo

Empréstimos: ao português clássico – balhar; dias-há; manhana; de riba; ao francês: rebém (raban); vichi ;ao inglês: jarda; capstan

Sufixos: Tempinho; aguinha; desamparinho; milhão

Como verificamos, este estudo está ainda distante da perspetivação do crioulo como língua e não como dialecto. O caminho está a fazer-se, nomeadamente com a publicação de dicionários e gramáticas⁴⁷, no sentido de apresentar a norma da língua crioula dentro do respeito pelas suas múltiplas variantes e é também de louvar o esforço de fixação de normas de escrita que o ALUPEC constitui.

Embora escrevendo em português, Manuel Lopes não deixou de nos dar a língua de tradição oral, reconhecendo-a como importante fundamento político-social do cabo-verdiano. Também ao nível do **léxico**, FVL retrata a fala de um povo: para além dos termos enunciados no glossário, gostaríamos ainda de destacar algumas expressões crioulas: Nhô (forma de tratamento); codê (o filho mais novo);

⁴⁷ Destacamos o Dicionário caboverdiano - português de Manuel Veiga, lançado em Abril do presente ano, bem como o dicionário on line www.priberam.pt/dcvpo e três gramáticas do autor referido.

paredeiros; desconsolação; soberbindade; soberba de fora; é por modo de mim?; lato(cinto); horas minguadas (de perigo vs. Boas horas); endireiteza (dignidade); Uál; Fep! (interjeições com o sentido de “completamente”); forte d’água bonita; forte de bichos (advérbio de quantidade).

Aforismos, provérbios e máximas constituem um repositório da sabedoria profunda da vida vivida que dá o seu aviso e conselho, de forma lapidar são definidas normas de comportamento, representando a cristalização de um saber empírico. Pareceu-nos interessante um levantamento temático destas formulações que tão bem caracterizam a concepção de vida das personagens de FVL:

O homem e o sagrado

“Milho de sementeira é dívida sagrada”(p.17);

“Homem direito não põe a boca na dívida sagrada pra não virar ladrão de Deus, nem ladrão de família” (p. 17);

“É Deus que dá é Deus que leva.”(p. 139);

“Deus dá remédio para tudo.”(p. 109);

“Homem não rema contra a vontade de Deus.”(p. 139);

“Cada homem tem o seu destino marcado.”(p.125);

“Quem vê escuro para diante não vê nada.”(p.141);

“ O destino é um enviado de Deus” (p. 131);

“O que está feito deixe nas mãos de Deus” (p. 144).

Entrega incondicional ao trabalho; tenacidade

“O que fica feito não fica por fazer.”(p.53);

“Dez tanques estragados, dez tanques feitos de novo e mais um.”(p.54);

” Quem tem filhos a criar tem pensar na cabeça” (p. 109);

“Olho de dono é que engorda a vaca”(p. 210);

“Morte entra no corpo que não trabalha” (p. 225);

“ Homem nasceu pra remediar o que tá estragado”(p. 54);

“Estrago de chuva é conserto de homem” (p.54);

“Destino de homem de enxada é cavar e semear.”(p.39).

Princípios ético- morais: dignidade, honestidade, solidariedade

“Fazer bem não mata gente”(p. 227);

“Homem que não deve não teme” (p.249);

“Andar no caminho ruim é melhor que andar fora do caminho.”(p.17);

“Homem que não traça caminho é falso, não é pessoa de confiança” (p. 15);

“Homem desconfiado não presta.” (p.38);

“Cada um nasce com um tino” (p. 134);

“Bote é a andar, quando este pesqueiro não é bom, é mudar para outro” (fala do ladrão Salta-Pedra, opondo-se aos princípios defendidos por José da Cruz, p.203);

O homem e a experiência/conselhos

“Quem com os ouvidos não ouve, com olhos vê.”(p.31);

“Cada um conhece a mandioca da sua horta (p..261);

“ Água nos olhos não deixa ver o caminho direito” (p. 145);

“Morte de sabura não tem companheiro.”(p.57);

“Quem conhece os campos, não cansa a vista” (p.185).

O homem e a natureza – a falta, a fome

“Perder por perder antes no demais que na falta.”(p.36);

“Homem na falta é diferente de homem na fartura.”(p.130);

“Fome tem mais força que cabeça” (p.193);

“Quem mais sede tem com mais água sonha.”(p.38);

“Cando o estômago tá vazio, a cabeça tá cheia” (p.259).

O Homem e o tempo

“Idade de homem é no espírito não é no corpo.”(p. 57);

“Espírito velho em corpo novo é velhice.” (p.57);

“Vida é feita de prenda em cada dia que passa” (p. 144);

“ O dia de amanhã está mais longe dos nossos olhos do que o dia em que nascemos” (p. 145).

O Homem e a instrução

“Homem que sabe escrever no papel não esquece na cabeça” (p.59).

A estreita ligação entre Homem, Animais e Natureza que desenvolvemos ao longo do trabalho, é configurada ao nível do próprio discurso: na descrição da natureza e animais predomina a personificação, numa homologia antropomórfica, e os homens são muitas vezes comparados à natureza e animais. Vejamos alguns exemplos:

Personificação de animais:

Personificação dos corvos e antroponímia

“Era um casal, antigos moradores destas bandas, que já por cá viviam quando José da Cruz conheceu a primeira mulher e para cá viera. Sobrevoavam os trabalhadores, com calma e sabedoria, as asas faiscando reflexos azuis – virando o bico para um lado e para outro, dando fé. (...) sabiam que cada cova recebia quatro grãos, grasnavam “quatro-quatro” com sabedoria, troçavam dos homens, e, há muito familiarizados com a rotina dos tráfegos, não ligavam importância aos pormenores.” (p.25);

“Este ano surgiram mais barulhentos e desordeiros que nunca. Becente e Becenta, conhecedores do mundo, matreiros e diplomatas consumados. (...) Eram sabidos, endiabrados, trocistas, cépticos e filósofos.” (p.48);

Personificação de Picaroto, cão de Leandro: “ O Picaroto, bicho feio, de pêlo hirsuto, mas de alma pura e inteligente” (p.113).

A animização de elementos da natureza:

Dos ventos: “O nordeste é um exército invisível armado de vassouras. (...) Frente a frente como irmãos inimigos, a monção húmida cede terreno ao alisado do norte que empurra para lá dos limites necessários. Só quando este adormece ou se esquece da sua missão de limpeza – isso é tão raro! é que a

humidade surge do Atlântico sul, invade a atmosfera com as cautelas de quem entra pela porta traseira.” (p.6);

“O vento descia às patadas distraídas, rebolava no terreiro; depois de dançar uns momentos com a papaieira, descia a chã, roçava as charuteiras do caminho e subia de novo para o alto.” (p. 32);

Da chuva: “ A primeira quinzena de Novembro foi assim ora escusas ora promessas, negaças e sorrisos, a mangar com os homens”(p.56);

Das plantas: “...agora era só esperar que os olhos das plantas furassem a terra...”(p. 35) ;

“ os milharais agitavam-se afitivamente, como pedindo socorro” (p. 94);

“ as papaias caindo, verdes ainda, como meninos de peito arrancados aos braços da mãe” (p. 97);

Da terra: “...as enxurradas abrem fendas, arrastam a terra vermelha nas vertentes, as ribeiras derramam no oceano o sangue rico da terra. (...) O lento naufrágio da carne viva das ilhas é o preço da generosidade do céu.”(p. 27).

Comparação dos homens com a natureza e animais:

“Como esses tamarindeiros do caminho do Porto Novo que os vendavais não derrubam, assim era ele [José da Cruz]” (p.16);

“Aninhas sacudiu os braços como os feijoeiros e as aboboreiras” (p. 94);

“ No rosto encovado, as órbitas pareciam duas cavernas escuras com dois pontos de lume lá dentro” (p. 68);

“Seu rosto, todo iluminado, era duro como rocha”(p. 70);

“Havia neles qualquer coisa de terroso, como se fossem raízes arrancadas à terra” (p.78, 79);

“ Nhô Manuel carrega pesos que nem boi”(p.18);

“Os mascarados caíam sobre os jornadeiros como corvos sobre o milharal”(p.16)

“teimoso coma burro brabo” (p. 165, referindo-se a José da Cruz);

“solitário e esquivo como gato sem dono” (p. 165, referindo-se a Leandro).

4 PARALELO ENTRE AS OBRAS

As duas obras aproximam-se, antes de mais, pela denúncia de uma realidade dura e hostil que empurra o homem para uma luta pela sobrevivência. Não é de estranhar que este tema literário do regionalismo nordestino tenha servido de inspiração ao regionalismo cabo-verdiano: são semelhantes os problemas sociais, os condicionamentos ambientais e a necessidade de consciencialização de uma realidade étnico - social e cultural específica, forma de afirmação de uma identidade face ao outro, que, para ambos os países, foi Portugal.

A análise que procedemos nos capítulos anteriores revela analogias entre as duas obras, não só ao nível da temática (a seca, a fome), como da especificidade do ambiente físico (aridez) e marcas desse ambiente no homem que o povoa (a íntima relação com o chão que o condena determina o seu modo de ser, pensar e resistir). Em ambas, as condições geográficas são determinantes da vida e carácter do homem que, sujeito às adversidades da seca, enfrenta a fome e a escassez de todo o tipo de bens.

As condições climáticas e geográficas da ilha de Santo Antão e do sertão nordestino não constituem um mero quadro onde se desenrola acção, elas são a figura principal de ambas as obras, tudo se passa como resposta ou antecipação a essas condições que subjagam. O ciclo estiagem - período de chuva- estiagem que caracteriza Santo Antão é semelhante ao que assola o nordeste brasileiro (embora em FVL a situação se agrave com a multiplicação de flagelos: lestadada, praga de gafanhotos, chuvas fortes). O carácter cíclico da natureza implica uma continuidade que vem de tempos ancestrais e se projecta para o futuro sem uma perspectiva de mudança; esta circularidade constitui uma marca determinante em ambas as obras.

A análise estilística não constitui campo deste trabalho, contudo não podemos deixar de observar o olhar mais “enxuto” e essencial de Graciliano Ramos na descrição do espaço físico e condições climatéricas, mas, de forma mais breve ou pormenorizada, essas descrições estão sempre ao serviço do estudo do comportamento psicológico do homem que nele vive; as personagens são espelhos da terra em que vivem e onde lutam contra a morte.

A linguagem constitui, também, um elemento caracterizador do homem e da terra em que vive; a fala dos habitantes de Santo Antão, como do nordeste brasileiro constituem aspectos de especificidade que os identificam, em ambas as obras encontramos regionalismos não só na voz do narrador, como na voz das personagens , a qual se aproxima da oralidade, procurando registar a genuína fala dos autóctones. Mas, mais uma vez Manuel Lopes se afasta de Graciliano Ramos, pois se o primeiro explora

as situações comunicativas dos habitantes das ilhas de forma a retratar a fala de Santo Antão, Graciliano Ramos opta pelo silêncio, pela quase ausência de diálogos, predominando o monólogo (muitas vezes interior) e a forma ambígua do discurso indirecto livre; é a terra mais uma vez que condiciona o modo de falar, mas aqui, mais pela ausência da fala, pela proximidade da linguagem dos animais ou por formas de comunicação não simbólica como um gesto, um espichar de lábios, um olhar.

As diferenças são inerentes a questões de escala... VS situa-se na vasta planície sertaneja, espaço aberto, FVL no alto montanhoso de Santo Antão; o ilhéu sabe dos contornos e limites do seu espaço, andar por seu pé não o leva muito longe, partir, numa ilha, sempre implica viajar por mar ou céu. O sertanejo tem pés para andar num vasto mundo de que não conhece os limites. Contudo, ou por isso mesmo, sendo o espaço imenso, em VS temos uma única família que vive isolada, numa espécie de agorafobia que é mais fobia social em que enfrentam o medo do outro, das multidões, o constrangimento e mesmo mal-estar. Por oposição, é típico do ilhéu o sentimento de claustrofobia que se caracteriza pela aversão ao confinamento. No entanto, não é este o sentimento de José da Cruz, FVL não é uma obra representativa da fuga ao espaço limitado que é a ilha, Nhô Isé não se confronta com essa ânsia, ele quer ficar, resiste até ao fim para não abandonar o seu espaço pequeno, mas conhecido, onde vivem não uma, mas três famílias, num arreigamento à terra que é quase irracional. Neste sentido, na sequência da oposição agorafobia / claustrofobia que procurámos estabelecer, também Isé se aproxima da agorafobia, numa insensata persistência em permanecer em casa - a sua terra – adiando ao máximo a partida. Inverte-se, assim, a expectativa lógica: num espaço confinado pelo mar, predomina não a claustrofobia, mas a agorafobia pois é naquele espaço que se reconhece e identifica, sair é uma forma de morrer, por isso Isé teima em “fincar os pés na terra” .

No Brasil, com extensões territoriais continentais, é possível a fuga como forma de sobrevivência; os retirantes nordestinos retratados de forma metonímica na família de Fabiano, são disso exemplo, “ O mundo é grande” (p. 106) e era sempre possível que “ esse lugar para onde iam fosse melhor que os outros onde tinham estado” (p.106), por isso a sua atitude é dinâmica, vivem como nómadas, o sertão empurra-os para a fuga, a viagem; para o ilhéu cabo-verdiano o mundo é pequeno, é sempre preciso enfrentar o mar, abandonar o país para procurar condições mais dignas de vida ; para aqueles, como Isé , para quem essa fuga à terra equivale à morte, só lhes resta ficar e morrer, em FVL o aprisionamento pelo mar conduz a uma condição de resistência, um apego e fidelidade à terra que modela e condiciona o homem cabo-verdiano. José da Cruz não abandona a sua terra, também as ilhas produzem retirantes, mas Nho Isé não é um deles, fica até ao fim....para ele fugir é perder a raiz e a marca do seu destino, reconhece que falta dignidade aos retirantes, pois deixam as suas casas para vaguear pelo deserto. Os seus valores morais identificam dignidade com resistência e espera,

condenando os que optam pela partida em direção à Ribeira das Patas e aos trabalhos do estado; fiel à sua concepção de vida (sintetizada na reflexão: “o posto de cada um era lá onde assentara os frechais do seu teto e armara as três pedras do fogareiro e cozinhava a cachupa do dia-a-dia” p. 125) acaba por condenar - se e a toda a família consubstanciando o drama humano do ilhéu portador de uma fé e determinação incomensuráveis.

Esta diferença essencial entre as duas terras é magistralmente sintetizada pelo poeta Jorge Barbosa:

“ [...]Você, Brasil, é parecido com a minha terra,
as secas do Ceará são as nossas estiagens,
com a mesma intensidade de dramas e renúncias.
Mas há no entanto uma diferença:
**é que os seus retirantes
têm léguas sem conta para fugir dos flagelos,
ao passo que aqui nem chega a haver os que fogem
porque seria para se afogarem no mar [...]**” (sublinhado nosso)

Decorrente das especificidades dos espaços, temos em FVL a agricultura como base de sobrevivência e em VS a criação de gado, embora em FVL encontremos também a pastorícia como meio de sustento na personagem Leandro. O trabalho comunitário que encontramos em FVL, a tradicional “junta-mon” não é possível em VS, no sertão não há vizinhos, não há conversa ou música no terreiro, o isolamento é total, aproximando-se mais da personagem Leandro, também ele isolado socialmente nas montanhas e fazendo-se acompanhar de Picaroto, cão “de alma pura e inteligente” como Baleia. O meio modela as personalidades, as gentes são secas como a terra, os caracteres rudes e próximos dos bichos, numa íntima comunhão em que os animais se humanizam e os homens se animalizam, como observámos em VS, mas também em FVL:

“ Leandro habituara-se à solidão do Campo Grande. Um ror de anos, oito talvez, desde os dez ou doze anos de idade pastoreando gado – vacas, cabras, carneiros [...]. Era uma **vida de bicho** aquela de lidar com bichos...”(p.111).

Neste sentido, Leandro aproxima-se mais de Fabiano do que José da Cruz; ambos se comportam como bichos a quem importa, essencialmente, sobreviver aos flagelos, mas sabem amar e são capazes de gestos verdadeiramente humanos e bondosos. A primitividade que caracteriza os seus comportamentos

torna-se evidente não só pela rudeza da conduta, como pela dificuldade de comunicação, fortes no seu habitat, mas frágeis, indefesos e expostos fora dele, à mercê da prepotência das autoridades que os acusam injustamente.

É comum o valor e respeito pela disciplina; o apego à família, núcleo de apoio e suporte, (Fabiano e José da Cruz são homens de família, por ela alcançam a dignidade e não cedem a impulsos violentos); os diferentes papéis atribuídos ao homem e à mulher (simples, resignada e sofrida); a continuidade de pais para filhos, o legado de trabalho escravo e ignorância que perpetua a miséria; a religiosidade sincrética, misto de cristianismo e naturalismo; comum o silêncio; o absurdo trágico da luta pela sobrevivência.

Em ambas as obras o inimigo directamente identificado é a natureza hostil, mas uma outra forma de despotismo se impõe, embora de forma mais velada: o regime de exploração da terra e do trabalhador, o carácter arcaico de uma estrutura social que vota os mais pobres ao completo abandono. Sem serem panfletárias, ambas as obras denunciam subtilmente as injustas imposições sociais: os filhos de José da Cruz, como os filhos de Fabiano, estavam impossibilitados de frequentar a escola devido ao isolamento da região. Esta ausência de escolarização conduz à alienação, o que gera seres passivos, incapazes de reflectir e fazer valer os seus direitos. Em FVL esta alienação traduz-se na quase exclusiva atribuição de responsabilidades da situação de miséria ao implacável clima, em nenhum momento as personagens reflectem sobre os seus direitos e políticas sociais; o confronto do homem é quase exclusivamente com a natureza, apenas na expressão do desejo de comprar as terras de Nho Álvaro, na insinuação de Nho Lourencinho “algo está errado” e na denúncia da professora Alice nas suas cartas, percebemos o confronto com um modelo social que perpetua a miséria. O questionamento situa-se ao nível moral, mais do que social: não perder a dignidade perante Deus norteia o comportamento de José da Cruz que, na mais extrema falta, recusa ajuda por parte do filho que optou pelo roubo para sobreviver. O pai é fiel aos seus princípios morais, o filho segue a lei geral da sobrevivência. Estas questões morais não se colocam em VS, nesta obra o auto questionamento aplica-se ao nível da identidade, do lugar na escala social e responsabilização política. No ambíguo processo de discurso indirecto livre em que a voz do narrador e a personagem se confundem, coexistindo, surge a reflexão não sobre problemas morais, mas sociais “Tinha culpa de ser bruto? Quem tinha culpa?”; “Estava direito aquilo?”; “Bulir com as pessoas que não fazem mal a ninguém. Porquê?”

Em VS a responsabilização social é mais evidente não só nos confrontos com o patrão, reveladores de uma política injusta, como com a prepotência das autoridades. Contudo, os pequenos resíduos de indignação e revolta sucumbem à resignação pela consciência da impotência. Tal como a

cachorra Baleia que possuía desejos revolucionários, mas achava-se impotente e incapaz de se sublevar contra os seus senhores a quem deve respeito e fidelidade, também Fabiano e a família se encontravam presos às amarras opressivas da realidade física e social, a um sistema tradicional de autoridade e, apesar da consciência da injustiça, a revolta e o impulso de fazer justiça soçobram.

Em ambas as obras a crítica não é directa, não estamos perante romances de tese, como já observámos, a denúncia realiza-se através do retrato da extrema pobreza, necessidade e falta, mas também através da expressão do desejo, esperança e sonho. Como forma de superar o sofrimento do presente, as personagens de ambas as obras projectam-se para um ideal, um desejo que é manifestação de utopia. Em FVL a atitude é de espera (passiva), por oposição à fuga (activa) em VS, mas ambas as atitudes têm a esperança (cf. “luzinha” cinco ocorrências em FVL e “esperança” vinte e três), como força motriz.

José da Cruz deseja comprar as terras de Nho Álvaro e conseguir cimento para o melador; Fabiano sonha com um espaço para viver com a família, Sinhá Vitória deseja uma cama de couro e uma saia de ramagens, o menino mais novo um periquito e a cachorra Baleia também sonha com um osso e, quando agoniza, com “um mundo cheio de préas, gordas, enormes”(p. 80); um mundo feliz em que há fartura e harmonia entre os seres. A esperança, o sonho constituem subtis formas de insurreição contra a realidade opressiva e também as recordações constituem uma forma de evasão para um *topos* feliz: sinha Vitória e Zepa apegam-se a boas recordações de festas e casamentos para amenizar a falta.

Como sintetiza Manuel Lopes no “Poema de quem ficou”, o sonho dos que ficam, as suas idealizações, superam as dos que partem:

“ [...] Que teu irmão que ficou
sonhou coisas maiores ainda,
mais belas que aquelas que conheceste...
Crispou as mãos à beira do mar
e teve saudades estranhas, de terras estranhas,
com bosques, com rios, com outras montanhas
– bosques de névoa, rios de prata, montanhas de oiro –

que nunca viram teus olhos
no mundo que percorreste...

Em ambas as obras há um caminho: em VS “ Iriam para diante, alcançariam uma terra desconhecida. Fabiano estava contente e acreditava nessa terra, porque não sabia como ela era nem onde era. Repetia docilmente as palavras que sinha Vitória murmurava porque tinha confiança nele. E andavam para o sul, metidos naquele sonho.” (p.110); em FVL o caminho da fuga é em direcção à empresa de construção de estradas “para lá das montanhas, no fundo da vertente da outra banda da ilha” (p.142), mas, como vimos, essa não é a escolha de José da Cruz.

De facto, os protagonistas não alcançam a libertação, Fabiano e a família “ ficariam presos” nessa terra desconhecida e civilizada a sul, José da Cruz morre, bem como toda a família e a continuidade faz-se no seio da escravidão: “ E o sertão **continuará** a mandar gente para lá”; Libânia com um filho de Leandro no seu ventre perdurará, mas sem perspectivas de mudanças...

Estes desfechos convocam o leitor para ser testemunha consciente e não permitir que o ciclo de miséria se perpetue.

CONCLUSÃO

J. M. Gomes de Almeida⁴⁸ considera que “ A única exigência de validade geral para que uma obra possa ser considerada a justo título regionalista é a existência de uma relação íntima e substantiva entre a sua realidade ficcional e a realidade física, humana e cultural da região focalizada”.

Neste contexto, ambas as obras em estudo são regionalistas na medida em que nos apresentam as especificidades da paisagem e da sociedade humana locais, com os seus costumes, (gastronomia, música , objectos do quotidiano) estruturas e organizações sociais, formas de falar e viver próprias de uma região. Contudo, podemos concluir que este regionalismo se concilia com universalismo na medida em que é o Homem na sua luta pela sobrevivência que é retratado em ambas as obras, o Homem - Sísifo tenaz na sua persistência, sem desistir, recomeçando sempre. É o drama da miséria e a forma como condiciona os caracteres na ambivalência entre esperança e desespero; luta e desistência; fuga e resistência; animalidade e humanismo.

Reflectindo sobre esta questão, o mesmo autor interpreta como um equívoco a restrição do regionalismo a um localismo redutor, antítese do universalismo, argumentando que se trata de “Grave engano: regionalismo coloca-se no pólo oposto a cosmopolitismo – que encerra uma conotação de desenraizamento cultural - , nunca a universalismo. Uma obra torna-se universal pelo seu significado e o fato de mostrar-se presa, em sua matéria narrativa, a um contexto cultural específico, que se propõe a retratar e onde vai haurir a sua substância, não a impede de adquirir sentido universal.”⁴⁹

A análise que efectuámos leva-nos a concluir que a Fabiano, homem do sertão nordestino e José da Cruz, homem da ilha de Santo Antão, com as suas problemáticas específicas, subjaz uma essência que é comum a todas os homens, dizemos com J. M. Gomes de Almeida: “[...] é o eterno drama do homem oprimido pelas circunstâncias, que luta assim mesmo por afirmar a dignidade de sua condição”.⁵⁰

⁴⁸ JOSÉ MAURÍCIO GOMES DE ALMEIDA, op., cit., 266

⁴⁹ *Idem*, p. 262

⁵⁰ *Idem*, p. 263

Vidas Secas e Os Flagelados do Vento Leste: Veredas da seca e da fome

Trata-se, pois, de um regionalismo universal e atemporal, podemos deslocar as personagens no espaço e no tempo, a substância permanece; é o Homem que luta pela vida trilhando as veredas da seca e da fome.

Nas duas obras encontramos o Homem na busca da sua identidade, procurando o seu ser, numa aventura ontológica determinada pela terra, vínculo do carácter e do destino. Ambas se constituem como narrativas de busca: busca de água, de vida, de identidade.

É universal a infinita miséria do homem que sobrevive nos limites da sua condição humana, universal a luta inglória de Sísifo a que nos condena a injustiça dos homens e da natureza, universal a solidão interior, a ignorância que limita o homem e o seu mundo, universal o conflito natura / cultura. Ambas as obras ultrapassam o problema local, não se confinando às circunstâncias sócio económicas específicas de cada região; muito mais do que a denúncia das condições de vida do nordestino ou do santo antonense subjugados pela natureza e pelos homens, estas obras alcançam o universal retratando a condição humana no que ela tem de mais absoluto e absurdo: a reacção perante a falta, a luta, a dialéctica entre a resignação e a esperança. É universal a capacidade de sonho e superação inerente ao ser humano, a projecção num futuro utópico face a um presente distópico.

Universal a visão trágica do ser, retrato da última verdade do homem nos limites da capacidade de sobreviver e desejo de viver. Apesar de uma passividade exterior, aparente, sertanejos e ilhéus, como todos os homens que vivem uma experiência de humilhação e degradação, resistem, lutam, procurando realizar o humano, um mínimo de dignidade que os arranque da condição quase animal. A falta encontra-se na origem da necessidade de recorrer ao imaginário: é universal a necessidade do sonho, a necessidade de mentir e mentir-se.

Do ponto de vista formal, a vaga notação temporal subdividida em períodos de seca e chuva, não demarcando claramente um tempo cronológico (em FVL apenas se referem os meses, mas em VS nem essa notação temos), bem como o facto de os filhos, em VS, não terem nome, concorrem para uma intenção universalista, por via de uma estratégia de indiferenciação.

Universal a exploração do homem pelo homem reduzindo-o à condição de escravo, antes de mais pela ignorância que nega o poder da palavra e cerceia a capacidade de compreensão do mundo, levando-os a responsabilizar o destino, a sina pela sua miséria e não os homens e as suas instituições.

Pelo exposto, podemos concluir que VS e FVL são obras regionalistas universalistas porquanto nos apresentam o Homem na sua essência, face ao drama da falta; muito para além dos condicionalismos

Vidas Secas e Os Flagelados do Vento Leste: Veredas da seca e da fome

de um espaço – tempo específico, ambas as obras são o retrato da mísera condição humana em situações limite de injustiça perpetrada pela Natureza e pelos homens.

BIBLIOGRAFIA ACTIVA

LOPES, Manuel, *Os Flagelados do Vento Leste*, Lisboa, Editora Ulisseia, 1960

RAMOS, *Vidas Secas*, Lisboa, Caminho, 1991

BIBLIOGRAFIA PASSIVA

ALMEIDA, José Maurício Gomes de, *A tradição regionalista no romance brasileiro*, Rio de Janeiro, Achiamé, 1981

ALVÉS, José, “Vidas Secas, roman de l’absurd” in *Séminaire Graciliano Ramos “Vidas Secas” de février et juin 1971*, Centre de Recherches Latino-Américaines de L’université de Poitiers, 1972

ANTUNES, Padre Manuel, SJ, *Obra completa do Padre Manuel Antunes, SJ*, Tomo I ,Vol. IV-História da Cultura, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2007

BALLALAI, Roberto, “Estruturas de significação na narrativa - Vidas Secas” in *Séminaire Graciliano Ramos “Vidas Secas” de février et juin 1971*, Centre de Recherches Latino-Américaines de L’université de Poitiers, 1972

BOSI, Alfredo, *História Concisa da Literatura Brasileira*, São Paulo, Cultrix, 1994

BUENO, Luís, *Uma História do Romance de 30*, São Paulo, Editora da Unicamp, Campinas, 2006

CAMUS, Albert, *O mito de Sísifo*, Carnaxide, Livros do Brasil, 2007

CANDIDO, António, *Ficção e confissão: ensaio sobre a obra de Graciliano Ramos*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1956

CARDOSO, Eduardo Augusto, *O crioulo da ilha de S. Nicolau de Cabo Verde*, 1ª edição, Lisboa/Praia, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Instituto Caboverdiano do Livro e do disco, 1990

CARREIRA, António, *Cabo Verde – aspectos sociais. Secas e fomes no século XX*, Lisboa, Ulmeiro, 1984

CASTRO, Sílvio, (Direcção), *História da Literatura Brasileira*, Lisboa, publicações Alfa, 1999, vol.3

COLÓQUIO SOBRE LÍTERATURAS DOS PAÍSES AFRICANOS DE LÍNGUA PORTUGUESA, compilação das comunicações; Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1987

CRISTÓVÃO, Fernando, *Graciliano Ramos: estrutura e valores de um modo de narrar*, Lisboa, Cosmos, 1998

CRISTÓVÃO, Fernando, *Cruzeiro do sul a norte: estudos luso – brasileiros*, Lisboa , Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2005

DUARTE, Gonçalo, *O trágico na obra de Graciliano Ramos e Carlos de Oliveira: uma análise apoiada pelos romances São Bernardo e Casa na Duna*; (Texto policopiado), tese orientada por Abel Barros Baptista, Lisboa, 2004

Vidas Secas e Os Flagelados do Vento Leste: Veredas da seca e da fome

- ELIADE, Mircea, *O Sagrado e Profano- A Essência das Religiões*, Lisboa, Livros do Brasil, 1956
- FERNANDES, Margarida, *Hora de bai. Os cabo-verdianos e a morte. Uma abordagem antropológica através da literatura de ficção*, Coleção Palavra Africana/Ensaio, Lisboa, Nova Veja e Autora, 2004
- FERREIRA, Manuel, “O texto brasileiro na literatura Caboverdiana”, in *Compilação das comunicações apresentadas durante o Colóquio sobre Literaturas dos Países Africanos de Língua Portuguesa realizado no Centro de Arte Moderna em Julho de 1985*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1987
- FERREIRA, Manuel, *A aventura crioula: ou Cabo Verde: uma síntese ética e cultural*, Lisboa, Ulisseia, 1967
- FRANCO, António Cândido, *Exercício sobre o imaginário cabo-verdiano (Simbologia telúrico-marítima na obra de Manuel Lopes)* Évora, Pendor, 1996.
- GOMES, Simone Caputo, *Cabo Verde - Literatura em chão de cultura*, São Paulo, Ateliê Editorial, 2008
- HANRAS, Marie-Christine, *Manuel Lopes – Um itinerário iniciático*, Praia, Instituto Caboverdeano do Livro e do Disco, 1995
- JÚNIOR, Benjamim Abdala, *A escrita neo-realista. Análise sócio-estilística dos romances de Carlos de Oliveira e Graciliano Ramos*, São Paulo, Ática, 1981
- LAWTON, R.A., “*Vidas Sêcas: entre l’être et les choses*” in *Séminaire Graciliano Ramos “Vidas Sêcas” de février et juin 1971*, Centre de Recherches Latino-Américaines de L’université de Poitiers, 1972
- LOPES, Manuel, *Chuva Braba*, Lisboa, Editorial Caminho, 2001
- LOPES, Manuel, *Falucho ancorado - poesias*, Lisboa, Edições Cosmos, 1997
- Manuel Lopes : rotas da vida e da escrita / coord. Maria João Pinto*, Lisboa , Instituto Camões, 2001
- NEJAR, Carlos, *História da Literatura Brasileira*, Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2007
- OLIVEIRA, Vera Lúcia, *Poesia, mito e história no Modernismo brasileiro*, S. Paulo, Editora UNESP; Blumenau, SC: EDIFURB, 2001
- PEIXEIRA, Luís Manuel de Sousa, *Da mestiçagem à caboverdianidade – registos de uma sociocultura*, Lisboa, Edições Colibri, 2003
- PEREIRA, Daniel, *Estudos da História de Cabo Verde*, Praia, Alfa-Comunicações Lda, 2005
- PEREIRA, Dulce, *Crionlos de base portuguesa*. Col. O Essencial sobre Língua Portuguesa, coord.por M.H. Mateus e A. Villalva, Lisboa, Caminho, 2006.
- PUCCINELLI, Lamberto, *Graciliano Ramos: relações entre ficção e realidade*, S. Paulo, Edições Quíron Nacional do livro, 1975
- SÉMINAIRE GRACILIANO RAMOS “VIDAS SÊCAS” DE FÉVRIER ET JUIN 1971, Centre de Recherches Latino-Américaines de L’université de Poitiers, 1972

Vidas Secas e Os Flagelados do Vento Leste: Veredas da seca e da fome

RAMOS, Graciliano, *Cartas*, Rio de Janeiro, Record, 1982

RICCIARDI, Giovanni, *O nordeste na obra de Graciliano Ramos*, Sep. da Revista “Ocidente” – vol. LXXVII Lisboa, 1969

RODRIGUES, Vera Lúcia de Melo, *O espaço em narrativas de José Régio e de Graciliano Ramos* (Texto policopiado), tese orientada por Marlise Vaz Bridi e Maria Antonieta Garcia, Covilhã, 2005

SARAIVA, José António, *O que é a cultura*, 1ª edição, Lisboa, Gradiva, 2003

SECCO, Carmen Lúcia Tindó Ribeiro Mar, ” Memória e metapoesia na lírica caboverdiana” In *Antologia do mar na poesia africana de língua portuguesa do século XX : Cabo Verde*, coord. Carmen Lúcia Tindó Ribeiro Secco. - Rio de Janeiro : UFRJ, 1999.

SILVA, Baltasar Lopes, *O dialecto crioulo de Cabo Verde*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984

WITTGENSTEIN, Ludwig, *Tratado lógico-filosófico e Investigações Filosóficas*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2008

Sitiografia

ASSIS, Maria Isabel Azevedo , Os Flagelados do Vento Leste e Vidas Secas: o espelho da realidade social e psicológica dos ambientes e sua gente como um laço entre a literatura brasileira e cabo-verdiana, <http://www.fflch.usp.br/dlcv/revistas/crioula/edicao/06/Artigos%20e%20Ensaios%20-%20Maria%20Isabel%20Assis.pdf>

BAPTISTA, Maria Luísa, *Vertentes da insularidade na novelística de Manuel Lopes*, Edições Electrónicas , CEAUP , Colecção e- books, 2007, <http://www.africanos.eu>

CANDIDO, António, *A educação pela noite e outros ensaios*, Ática, São Paulo, 1989, <http://.ufrgs.br/cdrom/candido/candido.pdf>

Dicionário Eletrônico Houaiss, <http://www.superdownload.us/dicionario-eletronico-houaiss-20/>

MACHADO, Álvaro Manuel, Repensando a literatura comparada: Imagologia e estudos culturais <http://www.eventos.uevora.pt/comparada/VolumeII/REPENSANDO%20A%20LITERATURA%20COMPARADA.pdf>

SARAIVA,Santos Eneile, O Regionalismo Literário: Um estudo de Os Flagelados do Vento Leste e de Vidas Secas, http://www.africaeafricanidades.com/documentos/regionalismo_literario.pdf

ANEXOS

ANEXO 1

Glossário de *Vidas Secas*

Acuado – que se acuou ; acororado, agachado; estacado com os quartos traseiros encostados ao chão ou em obstáculo, ger. diante de impedimento (diz-se de animal de carga).

Acuar – dobrar as pernas e encolher o corpo próximo do chão; acorar, agachar.

Aió – bolsa de caça trançada com fibras de caroá.

Alastrado – que se alastrou m.q. xiquexique.

Angico - Árvore caducifólia, de copa aberta e irregular, de 5–15 m de altura (4–7 m no nordeste), com tronco quase cilíndrico de 30–50 cm de diâmetro, revestido por casca um pouco rugosa e provida de espinhos esparsos, nativa desde o Maranhão até o Paraná, Minas Gerais e Goiás, na caatinga e mata semidecídua.

Arribações – redução da expressão “ave de arribação” , o mesmo que avoante – pomba campestre formando bandos compactos no Nordeste durante a migração.

Baraúna – m.q. braúna “ madeira”; *Melanoxylon brauna* é uma árvore de até 17 metros de altura, da família Fabaceae, subfamília Caesalpinioideae, nativa do Brasil, especialmente das regiões Nordeste, Sudeste e estados do Paraná e Santa Catarina. É a espécie de árvores conhecida com uma das mais duras e incorruptíveis madeiras-de-lei brasileiras, acastanhada, quase negra nos espécimes mais velhos.

Binga – isqueiro feito com a ponta de um chifre e uma lasca de pedra que se atrita com uma lâmina de ferro ou de aço provocando uma faísca que inflama a bucha de algodão.

Bolandeira – nos engenhos de açúcar, grande roda dentada que gira sobre a moenda movimentando as mós.

Caatinga – vegetação típica do Nordeste brasileiro e de parte do Norte de Minas Gerais em que predominam plantas xerófilas, como árvores e arbustos decíduos durante a estação seca, freq. armados de espinhos e também cactáceas , bromeliáceas e ervas anuais.

Cabocla - selvagem brasileiro que tinha contacto com os colonizadores; indivíduo nascido de índia e branco (ou vice-versa).

Vidas Secas e Os Flagelados do Vento Leste: Veredas da seca e da fome

Caititu - Regionalismo: Brasil. Nos aparelhos de ralar mandioca ou outros produtos, a peça principal, cilíndrica, à qual se adaptam serrilhas metálicas e que tem uma das extremidades em forma de roldana, para através dela, se imprimir movimento de rotação; rodete, cevador.

Camarinha – quarto para dormir, no interior da casa, às vezes elevado acima do telhado.

Cambembe – m.q. cambaio (que tem pernas tortas); fig. sem valor ou importância; habitante pobre de uma área rural.

Cangote – montar no cangote dominar alguém, humilhando, submeter alguém aos seus caprichos.

Cantigueira - árvore de folhas bipenadas e flores amarelas, nativa do Brasil e cultivada pela casca de que se extrai a tintura amarela.

Capeta – o diabo; que ou aquele que é levado, traquinas.

Caritó - tipo de prateleira ou nicho presente nas casas sertanejas, onde se colocam coisas miúdas.

Copiar –alpendre das casas rurais nordestinas com tecto sustentado por madeiras e prumo e que serve, as vezes de varanda.

Côvado –. m. q. cúbito, medida de comprimento equivalente a 66cm.

Cuia – fruto da cuieira, uma grande baga ovóide de casca lenhosa e impermeável quando madura usada para o fabrico de vários objectos.

Cumbuco - Regionalismo: Norte do Brasil. Que ou aquele que possui as pontas dos chifres encurvadas e voltadas uma para a outra (diz-se de bovino)

Cururu - m.q. sapo-cururu.

Dunga –sujeito sem igual na sua especialidade; exímio; individuo corajosoarrojado, valentão; homem de influência local, chefe.

Embira –designação comum a várias árvores e arbustos que ocorrem no Brasil da família das tímeleáceas.

Imbu –m. q. umbuzeiro ; planta angiosperma.

Imburana - árvore de até 6 m (*Bursera leptophloeos*) da fam. das burseráceas, nativa da América do Sul, de madeira branca, rija, folhas compostas, flores em racemos axilares e frutos comestíveis, com sementes de

que se extrai óleo medicinal; aroeira-do-sertão, emburana, imburana-brava, imburana-de-cambão, imburana-vaqueira, jamburana, umburana.

Jirau - palavra de origem tupi - Espécie de grade de varas, sobre esteios fixados no chão, que serve de cama nas casas pobres e também de grelha para expor ao sol quaisquer objectos; Esteira suspensa do tecto, para nela se guardarem queijos e outros géneros ao abrigo dos ratos. Da etimologia tupi deduz-se o significado comum: espécie de plataforma, qualquer armação que repousa sobre forquilhas para diversos fins.

Juazeiro – árvore com comprimento até 10m, da família dos ramnáceas, nativa do Brasil.

Látigo - Chicote de corda ou de correia; açoite, azorrague.

Losna –m.q. absinto (árvore ANGIOS) Angico é a designação comum a várias árvores dos gêneros *Piptadenia*, *Parapiptadenia* e *Anadenanthera* da família Mimosoideae. Elas são nativas da América tropical, principalmente do Brasil e também são exploradas e/ou cultivadas devido à boa qualidade da sua madeira.

Macambira – Angios planta terrestre ou epífita , nativa do Brasil, encontrada nas caatingas do Nordeste.

Mandacaru – designação comum a várias plantas do género *Cereus*, da família das cactáceas.

Molambo – pedaço de pano velho, roto e sujo; farrapo; roupa velha e/ou em mau estado.

Mormaço – neblina quente e húmida, resultante de forte calor; temperatura abafada, quente.

Mucunã – designação comum às plantas do género *Mucuna* , da família das leguminosas; trepadeira (*M. pruriens*) nativa de regiões tropicais, de flores avermelhadas, vagens com pêlos urticantes, dos quais se faz o pó-de-mico, e sementes pretas e luzidias, us. como sucedâneas do café; café-beirão, café-de-mato-grosso, café-do-pará, fava-café, fava-coceira, feijão-café, feijão-inglês, olhos-de-burricão, olhos-de-burro, pó-de-mico, quicuta.

Mulungu – designação comum a diversas árvores do género *Erythrina* da família das leguminosas.

Muque – músculo desenvolvido, resultante de exercícios físicos constantes, especialmente o bíceps e o tríceps.

Pabulagem - Regionalismo: Brasil. Confiança excessiva em si mesmo; fatuidade, presunção; atitude de quem conta bravatas; fanfarrice mentira ardilosa; embuste.

Vidas Secas e Os Flagelados do Vento Leste: Veredas da seca e da fome

Pederneira – sílex pirómaco capaz de produzir centelhas quando percutido ou atritado por peças de metal, esp. ferro

planta de até 12 m (*Merostachys burchellii*), da fam. das gramíneas, nativa do Brasil (SP, PR), de colmo fistuloso, ramos verticilados e folhas com a margem áspera; taquara, taquara-fina, taquara-lisa, taquara-mansa.

Préa – designação comum aos pequenos roedores sul-americanos, do género *Cavia*, da família dos caviideos, de corpo robusto patas e orelhas curtas e incisivos brancos.

Pucumã - m.q. picumã; fuligem, teia de aranha.

Quipá – m. q. Guibá; planta (*Opuntia inamoena*) da fam. das cactáceas, nativa do Brasil (PB até RJ), de caule articulado, epiderme rugosa e flores solitárias; é agressiva ao tato, devido aos gloquídios que penetram na pele; figo-da-índia, guipá, quipá.

Taquari - árvore de até 7 m (*Mabea paniculata*), da fam. das euforbiáceas, nativa do Brasil (PA), com ramos tomentosos, folhas de forma variável e inflorescência com muitas flores e brácteas ovadas; abiori;

Trempe - aro de ferro com três pés para apoiar panelas sobre o fogo ; tripé

Urubus – designação comum às diversas aves ciconiiformes; têm cabeça e pescoço nus e alimentam-se de carne em putrefacção.

Xiquexiques – designação comum a vários subarbustos ou ervas lenhosas do género *Crotalaria*, da família das leguminosas que ocorrem, na sua maioria no Brasil e são frequentemente usadas como adubo verde.

ANEXO 2

Glossário de Os Flagelados do Vento Leste

Arrife – pedra calcária.

Baixão -m.q. baixadão; baixo (cantor) com voz potente; no batuque (dança) e no cururu (dança de roda), a introdução executada pelo violeiro.

Balaio - cesto grande feito de palha, taquara, bambu, cipó etc., usado para transporte ou para guardar objetos; patuá .

Buli – feito a partir da cabaça, utensílio para transportar água.

Cachupa – prato nacional de Cabo Verde à base de milho e feijão.

Camoca – farinha de milho torrado.

Canhoto- cachimbo.

Captan – marca de cigarros ingleses empacotados em caixas cilíndricas em ferro branco e utilizadas como recipiente.

Captan – marca de cigarros ingleses empacotados em caixas cilíndricas em ferro branco e utilizadas como recipiente.

Cariço – espécie de cana de bambu.

Catre - Cama de madeira e pano, dobrável.

Cavouco - escavação ou buraco na terra; cova, vala, chabouco (buraco);

Companha - Diacronismo: antigo. grupo de pessoas que seguem juntas; grupo de pessoas, montadas ou apeadas, que acompanha alguém nas montarias, jornadas etc.

Dril - tecido de linho fabricado na Inglaterra, outrora muito us. no Brasil em trajes masculinos

Ervilha-congo – leguminosa originária da América do Sul

Fedegosa – Regionalismo: Cabo Verde. planta de aroma repelente; m.q. *erva-de-são-joão* (*Chenopodium album*); m.q. *erva-fedegosa* (*Chenopodium vulvaria*)m.q. *fedegoso-verdadeiro* (*Senna occidentalis*)

Forçudo - que tem força; forte, musculoso, robusto

Funco – habitação temporária, de formato cónico, erguida com a utilização de folhas de bananeira, colmo ou sisal, e usada geralmente por guardas das áreas de plantio.

Mandrião – casaco curto e leve para uso caseiro de mulheres e crianças

Mantinhas - Regionalismo: Cabo Verde. Acção ou modo de dar provas de cortesia, de respeito e/ou admiração; recomendações, saudações, lembranças.

Melador – depósito feito de terra calcada, junto a nascente de água de pequeno caudal.

Mocho – m.q. *tamborete* ('assento sem encosto e braços'); pequeno banco.

Papa-rolão – papa feita de farinha de milho moída grosseiramente, prato regional feito de grãos de milho triturados.

Papiar - conversar, falar (com); falar o *patoá* ['crioulo antigo'].

Potona – tubérculo silvestre que se utiliza no fabrico de cuscus na ilha da Boavista.

Quebradas - Desmoronamento de terras ou pedra.

Sabura - Regionalismo: Cabo Verde. Tempo aprazível, de alegria; divertimento.

Sarraia – alforge em pele de cabra.

Surrão - Bolsa de couro usada pelos pastores; sacola grande, bernal.

Tambaque cilindros de esteirado de cana de cariço para guardar o milho e a ervilha.

Tarimba – esteira feita de tiras das folhas da cana-de-açúcar, servindo de enxerga.

Vichi - tecido quadriculado, ger. de algodão, com fios de duas cores diferentes e alternadas.

ANEXO 3

“VOCÊ: BRASIL”, Jorge Barbosa

Eu gosto de você, Brasil,
porque você é parecido com a minha terra.
Eu bem sei que você é um mundo
e que a minha terra são
dez ilhas perdidas no Atlântico,
sem nenhuma importância no mapa.
Eu já ouvi falar de suas cidades:
A maravilha do Rio de Janeiro,
São Paulo dinâmico, Pernambuco, Bahia de Todos-os-Santos.
Ao passo que as daqui
Não passam de três pequenas cidades.
Eu sei tudo isso perfeitamente bem,
mas Você é parecido com a minha terra.

E o seu povo que se parece com o meu,
que todos eles vieram de escravos
com o cruzamento depois de lusitanos e estrangeiros.
E o seu falar português que se parece com o nosso falar,
ambos cheiros de um sotaque vagaroso,
de sílabas pisadas na ponta da língua,
de alongamentos timbrados nos lábios
e de expressões terníssimas e desconcertantes.
É a alma da nossa gente humilde que reflete
A alma das sua gente simples,

Ambas cristãs e supersticiosas,
sortindo ainda saudades antigas
dos sertões africanos,
compreendendo uma poesia natural,
que ninguém lhes disse,
e sabendo uma filosofia sem erudição,
que ninguém lhes ensinou.

E gosto dos seus sambas, Brasil, das suas batucadas.
dos seus cateretês, das suas todas de negros,
caiu também no gosto da gente de cá,
que os canta dança e sente,
com o mesmo entusiasmo
e com o mesmo desalinho também...
As nossas mornas, as nossas polcas, os nossos cantares,
fazem lembrar as suas músicas,
com igual simplicidade e igual emoção.

Você, Brasil, é parecido com a minha terra,
as secas do Ceará são as nossas estiagens,

com a mesma intensidade de dramas e renúncias.
Mas há no entanto uma diferença:
é que os seus retirantes
têm léguas sem conta para fugir dos flagelos,
ao passo que aqui nem chega a haver os que fogem
porque seria para se afogarem no mar...

Nós também temos a nossa cachaça,
O grog de cana que é bebida rija.
Temos também os nossos tocadores de violão
E sem eles não havia bailes de jeito.
Conhecem na perfeição todos os tons
e causam sucesso nas serenatas,
feitas de propósito para despertar as moças
que ficam na cama a dormir nas noites de lua cheia.
Temos também o nosso café da ilha do Fogo
que é pena ser pouco,
mas — você não fica zangado —
é melhor do que o seu.

Eu gosto, de Você, Brasil.
Você é parecido com a minha terra.
O que é é tudo e à grande
E tudo aqui é em ponto mais pequeno...
Eu desejava ir-lhe fazer uma visita
mas isso é coisa impossível.
Eu gostava de ver de perto as coisas
espantosas que todos me contam
de Você,
de assistir aos sambas nos morros,
de esta cidadezinha do interior
que Ribeiro Couto descobriu num dia de muita ternura,
de me deixar arrastar na Praça Onze
na terça-feira de Carnaval.
Eu gostava de ver de perto um lugar no Sertão,
d de apertar a cintura de uma cabocla — Você deixa? —
e rolar com ela um maxixe requebrado.
Eu gostava enfim de o conhecer de mais perto
e você veria como é que eu sou bom camarada.

Havia então de botar uma fala
ao poeta Manuel Bandeira
de fazer uma consulta ao Dr. Jorge de Lima
para ver como é que a poesia receitava
este meu fígado tropical bastante cansado.
Havia de falar como Você
Com um i no si
— “si faz favor —
de trocar sempre os pronomes para antes dos verbos
— “mi dá um cigarro!”.

Mas tudo isso são coisas impossíveis, — Você sabe?
Impossíveis”.